

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

Caroline Antunes dos Santos

Julia Tupinambá de Oliveira

Lucas da Silva Tamura

A FAZENDA MALABAR

VARGINHA

2026

Caroline Antunes dos Santos
Julia Tupinambá de Oliveira
Lucas da Silva Tamura

A FAZENDA MALABAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado(a) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Especialista em Educação para Sustentabilidade – Gaia Education da Universidade Federal de Alfenas.

Orientador(a): Profa. Lara Cristina Batista Freitas

Coorientador(a): Profa. Marina Dain Silveira

VARGINHA

2026

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Campus Varginha

Santos, Caroline Antunes dos.

A fazenda Malabar / Caroline Antunes dos Santos, Julia Tupinambá de Oliveira, Lucas da Silva Tamura. - Varginha, MG, 2026.

123 f. : il. -

Orientador(a): Lara Cristina Batista Freitas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação para a Sustentabilidade - Gaia Education) - Universidade Federal de Alfenas, Varginha, MG, 2026.

Bibliografia.

1. Turismo de Experiência. 2. Regeneração. 3. Educação Ambiental. 4. Agroecologia. 5. Sustentabilidade. I. Oliveira, Julia Tupinambá de. II. Tamura, Lucas da Silva. III. Freitas, Lara Cristina Batista, orient. IV. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

Caroline Antunes dos Santos
Julia Tupinambá de Oliveira
Lucas da Silva Tamura

A FAZENDA MALABAR

O(A) Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação do(a) Trabalho de Conclusão de Curso apresentado(a) como parte dos requisitos para obtenção do título de Especialista em *Educação para Sustentabilidade - Gaia Education* pela Universidade Federal de Alfenas.

Aprovada em: 10 de abril de 2026

Prof. ^a Lara Cristina Batista Freitas

Assinatura:



Documento assinado digitalmente

LARA CRISTINA BATISTA FREITAS

Data: 30/04/2026 15:21:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. ^a Paula Gontijo Martins
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

Prof. ^a Everton Rodrigues da Silva
Universidade Federal de Alfenas

Assinatura:

RESUMO

Este trabalho apresenta um relatório de consultoria em sustentabilidade e regeneração desenvolvido de forma colaborativa no âmbito do curso Gaia Education Design para a Sustentabilidade (GEDS), tendo como campo de atuação a Fazenda Malabar, localizada no interior do estado de São Paulo. Inserido no contexto contemporâneo de crise ecológica, compreendida como uma crise de percepção e de relação entre ser humano e Natureza, o trabalho parte de uma leitura sistêmica do território orientada pelas dimensões de Visão de Mundo, Ecológica, Social e Econômica. A Fazenda Malabar é reconhecida como um espaço que já abriga práticas alinhadas à regeneração, como produção agroecológica, compostagem e iniciativas de educação ambiental, inserida em uma área de relevância ecológica marcada pela transição entre Mata Atlântica e Cerrado. A partir desse contexto, o projeto propõe a criação de um novo eixo de atuação baseado no turismo de experiência, estruturado como ferramenta de educação ambiental e reconexão com a Natureza. Voltado a escolas, instituições, pesquisadores e visitantes, o modelo busca integrar vivências imersivas, observação de aves, práticas agroecológicas e alimentação conectada ao território. Como desdobramento, são delineadas estratégias para a organização dessas experiências, incluindo a construção de roteiros pedagógicos, definição de protocolos operacionais, fortalecimento da governança participativa e desenvolvimento de indicadores de impacto ecológico, social e econômico. O trabalho também propõe um modelo econômico baseado na diversificação de receitas, na economia circular e na valorização de redes locais. Como resultado, apresenta-se um plano de ação em diferentes horizontes temporais, orientado à consolidação da Fazenda Malabar como um território de aprendizagem e referência em turismo regenerativo. Conclui-se que o projeto contribui para a reconexão entre ser humano e Natureza ao transformar o território em espaço vivo de experiência, educação e regeneração.

Palavras-chave: turismo de experiência; regeneração; educação ambiental; agroecologia; sustentabilidade

ABSTRACT

This work presents a consultancy report in sustainability and regeneration developed collaboratively within the Gaia Education Design for Sustainability (GEDS) program, focusing on Fazenda Malabar, located in the countryside of São Paulo, Brazil. Inserted in the contemporary context of ecological crisis, understood as a crisis of perception and relationship between human beings and Nature, the report is based on a systemic reading of the territory, guided by the dimensions of Worldview, Ecological, Social and Economic. Fazenda Malabar is recognized as a space that already hosts practices aligned with regeneration, such as agroecological production, composting and environmental education initiatives, situated in an ecologically relevant area characterized by the transition between the Atlantic Forest and the Cerrado. From this context, the project proposes the creation of a new axis of action based on experiential tourism, structured as a tool for environmental education and reconnection with Nature. Aimed at schools, institutions, researchers and visitors, the model integrates immersive experiences, birdwatching, agroecological practices and food systems connected to the territory. As a result, strategies are outlined for structuring these experiences, including the development of educational itineraries, operational protocols, participatory governance and impact indicators across ecological, social and economic dimensions. The work also proposes an economic model based on diversified revenue streams, circular economy principles and the strengthening of local networks. A phased action plan is presented to support the consolidation of Fazenda Malabar as a learning territory and a reference in regenerative tourism. The report concludes that the project contributes to the reconnection between humans and Nature by transforming the territory into a living space of experience, education and regeneration.

Keywords: experiential tourism; regeneration; environmental education; agroecology; sustainability.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: ENTRE RUPTURAS E RECONEXÃO, O PANO DE FUNDO DA FAZENDA MALABAR	9
2 CONSULTORIA GAIA EDUCATION	13
3 A FAZENDA MALABAR	16
3.1 CONHECENDO A MALABAR.....	18
4 ANÁLISE SWOT	27
5 DIMENSÃO VISÃO DE MUNDO	32
5.1 DESCRIÇÃO	35
5.2 DIAGNÓSTICO	36
5.2.1 Da separação para a interdependência	36
5.2.2 Reconexão com a natureza	40
5.2.3 Transformação da consciência	42
5.2.4 Espiritualidade engajada e formação de agentes de mudança	43
5.2.5 Saúde e Resiliência	47
5.3 PROPOSIÇÕES.....	48
5.4 MÉTRICAS.....	54
6 DIMENSÃO ECOLÓGICA	56
6.1 DESCRIÇÃO	56
6.1.1 Turismo de experiência como ferramenta de transformação	56
6.1.2 O espaço molda o comportamento - permacultura, design e biofilia	59
6.2 DIAGNÓSTICO	62
6.3 PROPOSIÇÕES.....	64
6.3.1 Criação do catálogo de roteiros	64
6.3.2 Estrutura pedagógica dos roteiros (padrão replicável)	67
6.3.3 Materiais de Apoio	68
6.4 MÉTRICAS.....	78
7 DIMENSÃO SOCIAL	80
7.1 DESCRIÇÃO	80
7.2 DIAGNÓSTICO	80
7.3 PROPOSIÇÕES.....	83
7.4 MÉTRICAS.....	85
8 DIMENSÃO ECONÔMICA	87
8.1 DESCRIÇÃO	87
8.2 DIAGNÓSTICO	88
8.2.1 Estratégias, Métricas e Caminhos para a Viabilidade	89
8.3 PROPOSIÇÕES.....	90
8.4 MÉTRICAS.....	94
9 RESUMO EXECUTIVO	95

9.1 CONTEXTO E PROPÓSITO	95
9.2 VISÃO, MISSÃO E PROPOSTA DE VALOR.....	97
9.3 SÍNTESE DA ANÁLISE SWOT	98
9.3.1 Dimensão Visão de Mundo	98
9.3.2 Dimensão Ecológica	99
9.3.3 Dimensão Social	101
9.3.4 Dimensão Econômica	102
9.4 CONCLUSÃO	105
10 QUEM SOMOS E REFLEXÕES INDIVIDUAIS	107
11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
12 ANEXOS	118
12.1 ANEXO A	118
12.1.1 Estratégias de Implementação	118
12.1.1.1 Zoneamento Permacultural da Fazenda.....	118
12.1.1.2 Ampliação de Energias Renováveis (ênfase em solar)	118
12.1.1.3 Captação e Reuso de Água da Chuva.....	119
12.1.1.5 Composteiras Individuais nas Hospedagens	119
12.1.2 Indicadores e Métricas de Regeneração.....	119
12.1.2.1 Pegada Ecológica	119
12.1.2.2 Balanço entre Emissões e Regeneração (Carbono).....	120
12.1.2.3 Água e Autonomia Hídrica	120
12.1.2.7 Biodiversidade.....	121
12.1.2.8 Serviços Ecossistêmicos.....	121
12.1.3 Considerações Finais	121
12.2 ANEXO B	122

1 INTRODUÇÃO: ENTRE RUPTURAS E RECONEXÃO, O PANO DE FUNDO DA FAZENDA MALABAR

Atravessamos um tempo em que a crise ecológica já não pode ser compreendida apenas como um conjunto de problemas isolados, mas como a expressão desse desencontro profundo entre humanidade e Terra. A história recente da humanidade pode ser sentida como um lento deslocamento de pertencimento — um caminho em que, pouco a pouco, fomos nos afastando da trama viva que nos constitui: a Natureza.

Durante milênios, diferentes povos organizaram suas vidas em íntima relação com os ciclos da Terra. O tempo não era apenas contado, ele era vivido: nas estações, nos plantios, nas colheitas, nos rituais. Como lembra Fritjof Capra, as sociedades tradicionais tendiam a perceber o mundo como uma rede de relações, onde tudo está interligado. Nesse contexto, produzir alimento, educar, celebrar e cuidar eram dimensões inseparáveis da existência.

Com a chegada da Revolução Industrial, não apenas as ferramentas mudaram — mas também o modo de perceber o mundo. A mecanização e a lógica fabril introduziram uma visão fragmentada da realidade, onde processos foram divididos, acelerados e subordinados à eficiência. O tempo deixou de seguir os ciclos da vida para obedecer ao ritmo das máquinas. A urbanização intensiva, que acompanha esse processo, redesenha profundamente os modos de convivência. Nas cidades, a densidade e a velocidade criam novas possibilidades, mas também diluem vínculos comunitários mais orgânicos. O indivíduo passa a ocupar papéis cada vez mais especializados, muitas vezes desconectados do sentido mais amplo do que faz.

***Nota ao leitor:** Ao longo deste documento, a palavra Natureza será escrita com inicial maiúscula como uma escolha intencional. Um pequeno desvio na norma para expressar respeito, pertencimento e a dimensão sagrada da vida que nos sustenta.

FIGURA 1 – Crise ecológica



Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/385761524359934478/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

FIGURA 2 – Sofrimento de Gaia



Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/385761524359934478/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

Estes processos somados, remontam a dicotomia recém criada: homem *versus* Natureza, na qual a humanidade passou a se distinguir da mesma, compreendendo-a como um bem a ser explorado e uma mercadoria (síntese baseada em MARX, 2011; ACOSTA, 2011). Segundo Nancy Mangabeira Unger (2001), a tentativa humana de dominar a Natureza resulta em um processo de isolamento e na perda de uma relação de pertencimento com a Terra. A partir disso, observa-se uma diminuição da afetividade em relação às consequências negativas globais sobre a Natureza.

“A humanidade se alienou desse organismo de que é parte, a Terra”

Ailton Krenak

Otto Scharmer traz a perspectiva do “tripé da desconexão” um conceito central da Teoria U, onde descreve três formas fundamentais pelas quais nos afastamos da realidade viva:

1. A desconexão Eu e Eu (nível interior)

Aqui ocorre o afastamento da nossa fonte mais profunda de sentido, intuição e propósito. Agimos no automático, reproduzindo padrões, sem presença ou consciência.

2. A desconexão Eu e o Outro (nível relacional).

Refere-se à incapacidade de escutar genuinamente as outras pessoas e sistemas ao nosso redor. Em vez de diálogo, há julgamento, competição e fragmentação. Perdemos a empatia e a habilidade de construir soluções coletivas. Essa desconexão enfraquece o capital social, rompe vínculos e dificulta processos colaborativos — algo crítico em contextos que exigem ação conjunta, como iniciativas regenerativas.

3. A desconexão Eu e a Natureza (nível sistêmico)

É o afastamento da compreensão de que fazemos parte de sistemas vivos interdependentes, como ecossistemas e comunidades. Nesse estado, tomamos decisões ignorando consequências de longo prazo, externalizando impactos ambientais e sociais.

Fica evidente que a raiz das crises contemporâneas não provém apenas de falhas técnicas ou estruturais, mas uma crise de percepção e de relação. É preciso reconectar a esse entendimento que já temos em nós, mas muitas vezes nos esquecemos: somos Natureza. Não se trata de voltar ao passado, mas de lembrar o que nunca deixou de estar aqui. E toda reconexão começa pelo gesto simples de voltar a perceber. É a partir dessa ruptura — e da urgência de restaurar vínculos — que este estudo de caso propõe um olhar sensível e sistêmico sobre a Fazenda Malabar, entendida não apenas como espaço produtivo, mas como território vivo de relações, aprendizagens, regeneração e reconexão.

A delimitação do estudo de caso se preocupou em caracterizar um momento e um lugar específico na trajetória de empreendedorismo da Fazenda Malabar, que se mostra receptiva à inovação e ao surgimento de iniciativas orientadas pela educação para a sustentabilidade. Nesse contexto, evidencia-se a ancoragem de um novo eixo: **o turismo de experiências.**

Como desdobramento desse contexto, o presente estudo orienta-se para compreender e estruturar o turismo de experiências na Fazenda Malabar como um caminho concreto de reconexão entre pessoas, território e natureza. Mais do que uma estratégia de diversificação econômica, trata-se de consolidar um modelo de atuação capaz de integrar educação ambiental, vivências sensoriais e práticas participativas em uma mesma proposta, na qual o visitante deixa de ser espectador e passa a atuar como sujeito ativo nos processos que sustentam a vida no local. Nesse sentido, o turismo de experiência é compreendido como aquele em que “a experiência turística resulta da interação entre o indivíduo, o ambiente e os elementos culturais do destino, sendo construída de forma subjetiva e memorável” (PANOSSO NETTO; GAETA, 2010, p. 45). Ao articular os elementos já existentes — como agroflorestas, hortas, trilhas e espaços de convivência — com experiências intencionais de aprendizagem e pertencimento, a Fazenda Malabar se posiciona como um território de transformação, onde o turismo atua como mediador entre consciência e prática. Assim, este estudo busca não apenas analisar essa possibilidade, mas contribuir para sua materialização, evidenciando o turismo de experiências como uma ferramenta capaz de gerar valor integrado — econômico, social, humano e ambiental — ao mesmo tempo em que promove mudanças na forma como nos relacionamos com o mundo.

2 CONSULTORIA GAIA EDUCATION

O Design Studio é a última etapa do curso online Gaia Education Design para Sustentabilidade e como atividade conclusiva para a formação dos estudantes, tem como objetivo a elaboração e o desenvolvimento de uma análise propositiva para um projeto de design aplicado a um estudo de caso. Com o requisito de um design colaborativo, a atividade deve ser cocriada em equipes, visando integrar tanto a equipe de profissionais em formação, como recapitular as dimensões estudadas nos conteúdos anteriores mediante encontros periódicos agendados com a tutoria (GAIA EDUCATION, 2026).

FIGURA 3 – Mandala 4D



Fonte: Gaia Education. Disponível em: <https://www.gaiaeducation.org/geds-portugues>. Acesso em: 28 mar. 2026.

Neste contexto, a Fazenda Malabar será abordada como o case de estudo. O

presente relatório tem como objetivo desenvolver o aprimoramento e apresentar a elaboração de um plano de orientações para um novo empreendimento que será iniciado na fazenda, atuando no segmento do turismo de experiências, a partir de uma abordagem sistêmica e regenerativa, integrando as dimensões social, econômica, ecológica e de visão de mundo, propostas pelas diretrizes do Gaia Education Design para a Sustentabilidade (GEDS). A intenção é fortalecer a fazenda como um território de educação ambiental, capaz de promover conexão com a Natureza, aprendizado significativo e transformação de percepção, alinhando suas práticas à sustentação da vida e aos desafios contemporâneos.

A partir da dimensão de visão de mundo, busca-se compreender e tornar mais consciente a forma como a Fazenda Malabar percebe e se relaciona com o território, identificando a transição de uma lógica de separação para uma lógica de interdependência. Esse movimento se expressa na forma como os valores são vividos no cotidiano e nas experiências oferecidas, abrindo espaço para uma atuação mais coerente, integrada e alinhada com uma perspectiva regenerativa.

Na dimensão ecológica, o trabalho se propõe a analisar as práticas já existentes, como a agroecologia, a produção orgânica, a relação com a biodiversidade local e a promoção da educação ambiental, compreendendo o território como um sistema vivo e educador. A partir disso, busca-se ampliar as possibilidades de serviços oferecidos, especialmente no que diz respeito ao turismo de experiência e educação ambiental, por meio de vivências imersivas integrando hospedagem de baixo impacto, regeneração ambiental, aprendizagens significativas e vínculo com a Natureza.

No campo social, o trabalho se propõe a compreender e fortalecer as formas como as pessoas se organizam, se relacionam e constroem processos coletivos no território da Fazenda Malabar. Com base nessa perspectiva, busca-se desenvolver práticas que fortaleçam a comunicação e a cultura de feedback, estruturar processos mais participativos de governança e tomada de decisão, e ampliar a qualidade das experiências coletivas de aprendizagem, em articulação com o território e seus atores locais.

Já na dimensão econômica, o trabalho se propõe a analisar e fortalecer o modelo de atuação da Fazenda Malabar, compreendendo a economia como uma construção humana que pode ser redesenhada para promover bem-estar social, equilíbrio ecológico e geração de valor no território. Nesse contexto, busca-se estruturar estratégias que integrem geração de renda, educação ambiental e regeneração ecológica, fortalecendo a fazenda como um empreendimento conectado ao território, capaz de articular produção, experiência e

aprendizagem em um modelo economicamente viável e coerente com a sustentação da vida.

Essas dimensões se integram no novo eixo de atuação da Fazenda Malabar, que se orienta por promover o turismo de experiência através da educação ambiental, utilizando como principais ferramentas a observação de aves, as práticas agroecológicas, a alimentação conectada ao território e a vivência no ambiente natural. Essa proposta se manifesta de forma específica para diferentes públicos, como escolas, que encontram um espaço vivo de aprendizagem; biólogos e pesquisadores, que acessam um território propício à investigação e produção de conhecimento; e visitantes, que buscam experiências profundas de conexão com a Natureza.

FOTOGRAFIA 1 – Jardim



Fonte: Autor (2026)

3 A FAZENDA MALABAR

O nome “Malabar” não é casual. Ele carrega uma herança simbólica e histórica profundamente conectada às origens da agricultura regenerativa moderna. Historicamente, a busca por uma agricultura sustentável, que estivesse baseada na conservação dos solos e das águas na Europa (TOMPKINS; BIRD, 1977) e que fosse economicamente viável para os agricultores (STEINER, 2017), estão presentes nos embriões do que se tornaria o sonho da Fazenda Malabar no Brasil.

Quando seus precursores, o escritor, pesquisador e agricultor norte americano Louis Bromfield, sua filha Ellen Bromfield Geld e marido Carson Geld (GELD; 1957) a convite de empresários paulistas, identificam nas margens do Rio Atibaia a possibilidade de inaugurar uma fazenda nos moldes da Malabar Farm [1] de Pleasant Valley, Lucas, em Ohio.

FIGURA 4 – Registro de Louis Bromfield

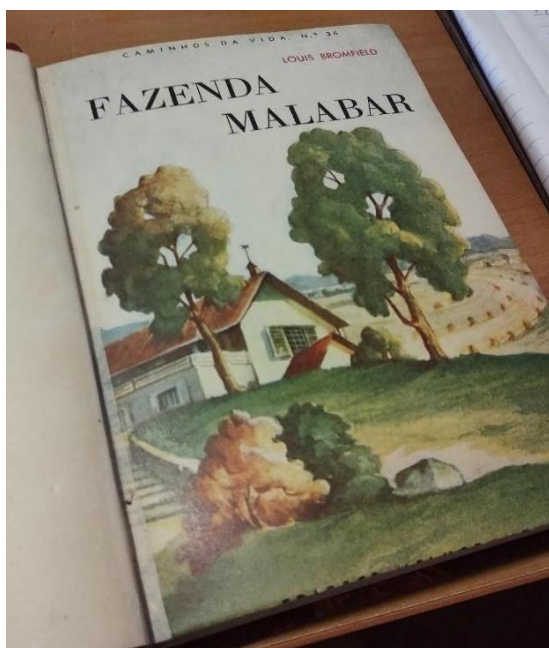


Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://www.neh.gov/article/second-act-louis-bromfield>. Acesso em: 27 de março de 2026.

Bromfield, no contexto ainda recente do encerramento dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, presenciou as transformações tecnológicas e a enunciação de problemáticas fomentadas pelos processos de modernização da agricultura, retratando a motomecanização da atividade (MAZOYER; ROUDART, 2010) e os paradigmas da teoria Malthusiana (BROMFIELD, 1958), assinalando a procura por uma forma de ocupação do solo que caminhasse para um destino diferente ao da hegemonia do pacote tecnológico que seria iniciado, antecipando críticas que mais tarde seriam amplamente discutidas no campo da Agroecologia (ALTIERI, 2012).

Esse contexto histórico culminaria na consolidação da chamada Revolução Verde, baseada na padronização dos cultivos, na monocultura, na dependência de fertilizantes químicos e no aumento da produtividade a qualquer custo. Em oposição a essa lógica, os princípios que orientam a Malabar se fundamentam na regeneração dos solos, na diversidade de espécies, na autonomia dos sistemas produtivos e na valorização dos ciclos naturais. Enquanto a Revolução Verde promove a simplificação ecológica e a dependência tecnológica, a abordagem inspirada por Bromfield propõe complexidade, equilíbrio e resiliência, evidenciando uma ruptura clara entre dois paradigmas de relação com a terra.

FOTOGRAFIA 2 – Capa de livro



Fonte: Autor (2025)

3.1 CONHECENDO A MALABAR

A Fazenda Malabar está localizada oficialmente na zona rural do município de Itatiba, no interior de São Paulo. Sua extensão territorial alcança também as zonas rurais limítrofes do distrito rural de Joaquim Egídio, apresentando um fragmento florestal no zoneamento da Área de Proteção Ambiental de Campinas (CAMPINAS, 2019) e do município de Morungaba, pertencendo à denominada Região Metropolitana de Campinas (RMC), representada no mapa abaixo.

Formada por 20 municípios, a RMC corresponde a 1,47% de todo o território paulista, atingindo a população de aproximadamente 3,2 milhões de habitantes. Atualmente apresenta uma importante posição econômica no estado e no país, com destaque para uma indústria moderna, uma produção agrícola e agroindustrial significativa e atividades especializadas do setor terciário. É pólo também da produção de ciência e tecnologia e da formação de profissionais em universidades como a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

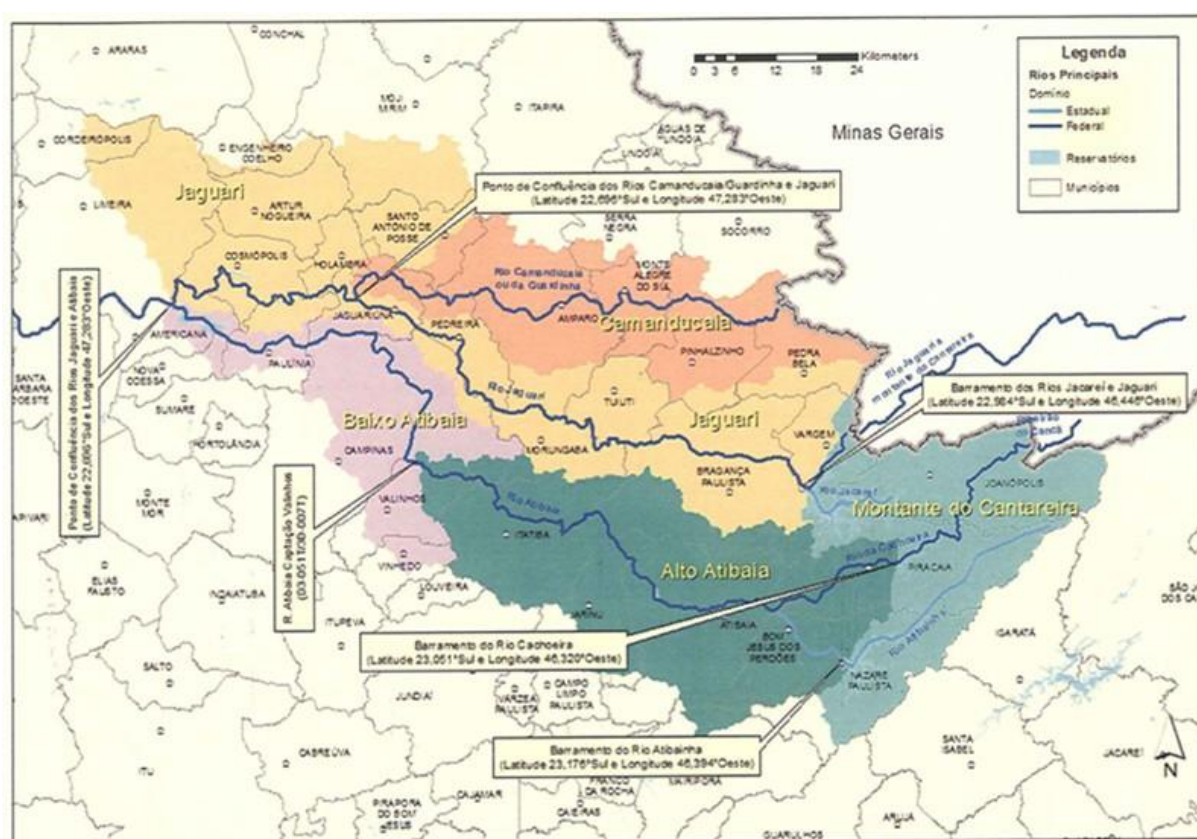
MAPA 1 – Região Metropolitana de Campinas



Fonte: Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.emtu.sp.gov.br/emtu/institucional/quem-somos/campinas.fss>. Acessado em 27 de março de 2026.

A Fazenda Malabar está situada na bacia hidrográfica dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (PCJ), especificamente nas margens do Rio Atibaia que ao todo atinge cerca de 165 km de extensão e de acordo com a Agência Nacional das Águas e Saneamento Básico é responsável pelo abastecimento de 95% de Campinas e região (ANA, 2015). Sua nascente está localizada no município de Bom Jesus dos Perdões, em São Paulo, sendo formada pela confluência dos rios Atibainha e Cachoeira, desaguardo no Rio Piracicaba, no município de Americana.

MAPA 2 – Bacia dos rios Jaguari, Camanducaia e Atibaia



Fonte: Governo Federal. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/legislacao/resolucoes/resolucoes-regulatorias/2015/50>. Acessado em: 21 de março de 2026.

O Rio Atibaia no século XVIII possibilitou as primeiras incursões dos bandeirantes no território, a partir das conhecidas expedições fluviais por monções. Correndo paralelamente a Rodovia Dom Pedro I o trecho do Rio Atibaia em área da Fazenda Malabar é também uma linha de confrontação que delimita um dos contornos da propriedade. Em épocas de grande vazão de água e inundações fluviais é comum que alagados se formem

nas pastagens da fazenda, modificando a paisagem.

Em um destes trechos está localizada a Usina Hidrelétrica do Salto Grande, construída em 1906 pela antiga “Companhia Campineira de Tracção, Luz e Força”. A usina foi responsável pelo fornecimento de energia elétrica nas primeiras fases de industrialização da cidade de Itatiba, contribuindo também para o abastecimento dos distritos de Sousas e Barão Geraldo em Campinas, e o município de Pedreira. Atualmente, as instalações integram um conjunto arquitetônico de origem inglesa com outras duas usinas hidrelétricas da região, a Usina Jaguari e Macaco Branco, que são consideradas patrimônio culturais de Campinas:

FIGURA 5 – Registro da Usina Hidrelétrica Salto Grande



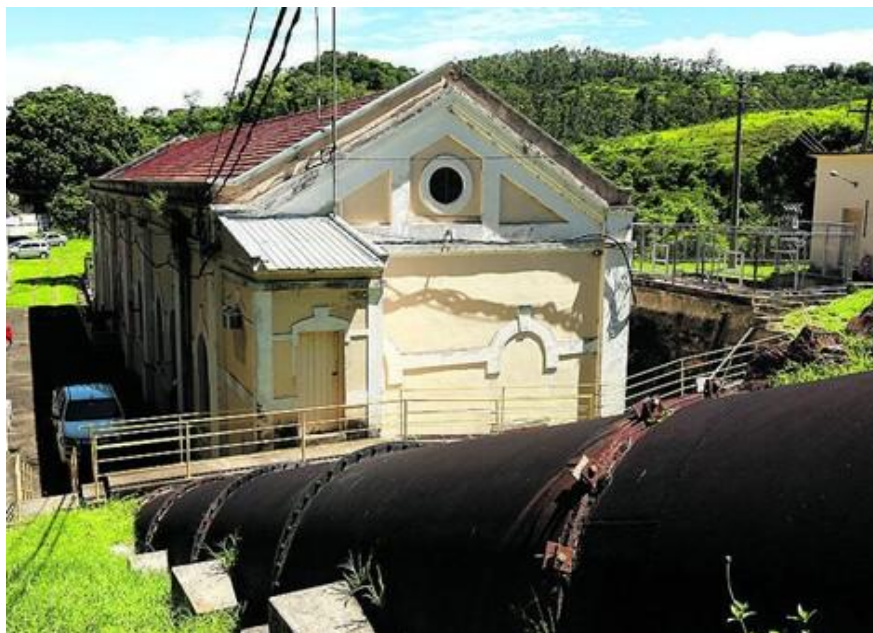
Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://jornalocal.com.br/usina-salto-grande-e-tombada-pelo-condepacc/>. Acessado em 23 de março de 2026.

FIGURA 6 – Registro da Usina Hidrelétrica Jaguari



Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/campinasermc/usina-e-desativada-apos-109-anos-1.52985>. Acessado em 23 de março de 2026.

FIGURA 7 – Registro da Usina Hidrelétrica Macaco Branco



Fonte: Desconhecida. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/20682333@N02/8732407073>. Acessado em 23 de março de 2026.

A Fazenda Malabar está a aproximadamente 784 metros de altitude e seu ponto mais alto atinge aproximadamente de 980 metros de altitude. Também está próxima do conhecido Pico das Cabras, a 1080 metros de altitude, o ponto mais alto da região e também um dos principais destinos para a prática da observação astronômica. Cercada por morros, vales, lagos e riachos, a fazenda conserva ainda hoje as dimensões de uma grande propriedade rural em área metropolitana, sendo registrada com área total de 1356,36 hectares (Disponível em: <https://www.registorural.com.br/car/item/SP-3523404-F33380D1508D48DF947380161CE19C33/>). Resguarda em meio às transformações da urbanização e de práticas agrícolas predatórias, uma rica biodiversidade dos biomas da Mata Atlântica e de áreas de transição de Cerrado.

A fazenda está situada também em alguns dos mais expressivos circuitos de turismo rural do interior paulista, o Circuito das Frutas (Disponível em: <https://circuitodasfrutasoficial.sp.gov.br/>), principal impulsionador do turismo da região. A realização intermunicipal destaca a valorização da produção da fruticultura local e da gastronomia, retratando a formação cultural do campo com o contato imigrante e afro-brasileiro. Predominantemente influenciada pelo crescimento econômico, o desenvolvimento tecnológico e as transformações socioculturais dos ciclos do café do século XIX, a região é tradicionalmente influenciada pela formação da região cafeeira conhecida como Mogiana Paulista, inscritas turisticamente no Circuito das Águas Paulista.

Contando com um trecho próprio na rota de cicloturismo local, a “Trilha Malabar” percorre cerca de 5 km em estradas municipais que conectam a cidade de Itatiba ao distrito rural de Joaquim Egídio e pode ser considerada a porta de entrada para outras setenta trilhas que ligam mais de 5 municípios da região, com trechos em antigas linhas e estações ferroviárias da época do café.

FOTOGRAFIA 3 – Antiga estação ferroviária de Joaquim Egídio



Fonte: Autor (2024)

Desde 2022, a Fazenda Malabar passou a contar também com uma opção inédita no turismo gastronômico da região, com a inauguração do Malabar Restaurante e Café, um empreendimento familiar e com muitas parcerias, no setor de alimentos e bebidas. Com a proposta de unir a experiência local, do campo e da cozinha de vegetais, o restaurante oferece também opções vegetarianas e veganas com ingredientes orgânicos, produzidos artesanalmente. O espaço conta também com um empório de produtos locais, frescos e artesanais, horta própria e compostagem de resíduos. Fato interessante, é que o estabelecimento está situado em uma antiga escola rural sediada na fazenda, que esteve em funcionamento por cerca de 40 anos, de 1955 a 1995.

FIGURA 8 – Registro do Malabar Empório Cultural e Café



Fonte: Desconhecido. Disponível em: <https://circuitodasfrutasoficial.sp.gov.br/local/malabar-emporio-cultural-e-cafe/>. Acessado em 23 de março de 2026.

Mas este não é o primeiro nem o único empreendimento que atualmente estabelece os aspectos produtivos da Fazenda Malabar, além da pecuária e da silvicultura, que ocupam a maior parcela territorial da propriedade rural, a Malabar conta também desde 2020 com uma marca própria no setor avícola de postura, a Granja Malabar, voltada a produção e comercialização certificada de ovos orgânicos.

FOTOGRAFIA 4 – Estojo de ovos padrão



Fonte: Autor (2024)

Ainda presente no cenário e nas dinâmicas locais, a produção de hortaliças orgânicas também fez parte da história mais recente da fazenda, quando em 2016 a produção e entrega de cestas de alimentos frescos foi iniciada, se transformando anos depois em um empreendimento social nos moldes das Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), adotando os sistemas regenerativos e agroflorestais, com a oferta da troca de serviços e de intercâmbio cultural pela plataforma Workaway (Disponível em: <https://www.workaway.info>).

Desenvolveu também a oferta de serviços educativos, como formações e estágios agrícolas, vivências e imersões em permacultura, visitas guiadas e estadias escolares dentro da fazenda. As atividades foram encerradas em 2024, mas a iniciativa marcou profundamente a região, internalizando mudanças significativas nos horizontes e sonhos da fazenda.

FOTOGRAFIA 5 – Cestas de hortaliças padrão



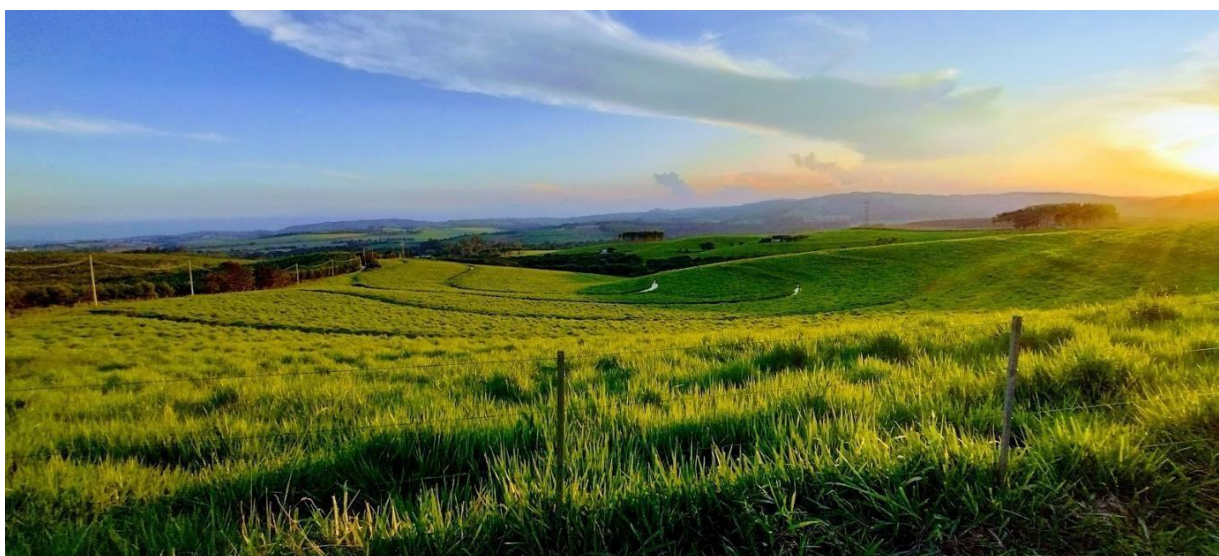
Fonte: Autor (2023)

No momento atual, a Fazenda Malabar já se configura como um espaço de vivências em contato com a Natureza, oferecendo experiências que envolvem permanência, alimentação, observação e convivência no território. No entanto, observa-se um potencial significativo de aprofundar e estruturar essas experiências de forma mais intencional, especialmente no campo da educação ambiental e do turismo de experiência, ampliando sua capacidade de promover aprendizado, sensibilização e transformação na forma como as pessoas percebem e se relacionam com a Natureza e com o mundo, tornando-se, assim, agentes reais de transformação.

Nesse contexto, o referencial do GEDS (Gaia Education Design for Sustainability) oferece uma base importante ao propor uma abordagem sistêmica que integra as dimensões social, econômica, ecológica e de visão de mundo. Esse modelo dialoga com uma transição mais ampla de paradigmas, que se desloca de uma lógica fragmentada e

reducionista — onde os sistemas são analisados de forma isolada — para uma compreensão holística e integrada, que reconhece a interdependência entre os sistemas vivos e a complexidade das relações que sustentam a vida. Potencialmente capaz de atualizar um contexto favorável e de estabelecer conexões profundas entre os sujeitos e a Natureza, por meio do turismo de experiência, fomentando a criação de comunidades capazes de acolher e transformar dinâmicas nas amplas dimensões da experiência humana.

FOTOGRAFIA 6 – Paisagem natural



Fonte: Autor (2022)

4 ANÁLISE SWOT

A análise SWOT, tradicionalmente utilizada como uma ferramenta estratégica para identificar forças, fraquezas, oportunidades e ameaças de um determinado contexto, pode ser reinterpretada a partir de uma perspectiva sistêmica e holística. No âmbito do GEDS, essa ferramenta deixa de ser apenas um instrumento de avaliação técnica e passa a ser compreendida como um processo de leitura integrada do território.

Sob essa ótica, a análise não se limita a aspectos internos e externos isolados, como proposto pelo pensamento cartesiano, mas busca reconhecer as inter-relações entre os sistemas sociais, ecológicos, econômicos e de visão de mundo. Cada elemento identificado na análise passa a ser entendido como parte de um sistema vivo, dinâmico e interdependente, onde forças e fragilidades não são fixas, mas emergem das relações estabelecidas no território.

Assim, a SWOT se transforma em uma ferramenta de escuta e percepção, capaz de revelar padrões, tensões, potenciais e fluxos que atravessam o sistema como um todo. No contexto do design regenerativo, essa abordagem amplia o papel da análise estratégica, permitindo não apenas diagnosticar uma realidade, mas também identificar caminhos de transformação alinhados com a regeneração dos sistemas vivos e com a evolução da consciência coletiva.

Dessa forma, a aplicação da análise SWOT na Fazenda Malabar busca integrar essas diferentes dimensões, contribuindo para uma compreensão mais profunda do território e apoiando o desenvolvimento de estratégias que estejam alinhadas com uma visão de mundo mais ecológica, relacional e regenerativa.

Forças (fatores internos positivos)

- **Base territorial consolidada e diversa:** vila restaurada, áreas agroflorestais, granja orgânica, restaurante, empório cultural, pontos turísticos, pecuária, APA Campinas, horta, compostagem e trilhas, permitindo múltiplas experiências integradas.

- **Localização estratégica próxima a centros urbanos e pólos acadêmicos**, facilitando o acesso de escolas, pesquisadores e visitantes, permitindo experiências imersivas de curta duração e projetos educativos recorrentes com menor custo logístico.
 - **Narrativa histórica forte**: associação com Louis Bromfield (conservacionista americano, romancista best-seller na década de 1920), e agricultura sustentável confere legitimidade, profundidade conceitual e valor educacional.
 - **Alinhamento com agendas contemporâneas**: regeneração, educação ambiental, turismo regenerativo e alimentação consciente.
 - **Capacidade de hospedagem exclusiva**: até 20 pessoas, favorecendo experiências imersivas, grupos pequenos e qualificados.
 - **Infraestrutura complementar**: restaurante e empório cultural já em funcionamento, reduzindo custos iniciais.
 - **Potencial pedagógico**: biodiversidade, agrofloresta e sistemas produtivos como “laboratório vivo” para escolas, biólogos e visitantes
 - **Flexibilidade de uso do espaço**: adequado tanto para turismo quanto para educação, e eventos formativos.
 - **Energias Verdes**: início da transição energética com adoção parcial de energias renováveis, por meio do uso de placas solares em sistemas de aquecimento de água (boiler), reduzindo impactos ambientais e custos operacionais.
 - **Baixa massificação**: grupos menores têm menor impacto ambiental e experiência de alta qualidade.
 - **Comunidade local**: trabalhadores e moradores antigos da fazenda que vivem no lugar e que podem se tornar atrativos e monitores durante as hospedagens e visitas; parceiros antigos da fazenda como Sindicato Rural e SENAR; e agricultores amigos e antigos apoiadores da CSA
 - **Locais de visitaçã**o: lugares já mapeados e conhecidos na fazenda que são atrativos para a observação de aves, caminhadas e trilhas, antigas construções da fazenda e dia a dia na fazenda: Rotina dos trabalhadores dos variados empreendimentos que podem despertar a curiosidade do visitante e ser tema profissional de visita técnica
-

Fraquezas (fatores internos limitantes)

- **Baixa maturidade como produto turístico estruturado:** ausência inicial de pacotes testados, preços consolidados, roteiros e protocolos.
- **Dependência de pessoas-chave:** conhecimento e dedicação concentrados em poucos indivíduos (Lucas e Paulo).
- **Capacidade limitada de escala:** restrição de leitos limita volume de receita.
- **Infraestrutura ainda em desenvolvimento:** paisagismo, sinalização, acessibilidade e algumas áreas produtivas não iniciadas ou não consolidadas.
- **Necessidade de capacitação específica:** hospitalidade, condução de grupos escolares, turismo científico e guias ambientais.
- **Custos operacionais elevados por visitante:** alimentação orgânica, manutenção de áreas e equipe especializada.
- **Sazonalidade:** dependência de períodos letivos (escolas), clima e ciclos da avifauna.
- **Necessidade de veículos próprios para deslocamento:** próprios e adequados (4x4 com capacidade suficiente para percorrer distâncias consideráveis; para o deslocamento de grupos,
- **Atividades de risco em ambiente natural:** quanto mais atividades maior as chances de acidentes e maior a demanda por monitores para grupos específicos, por exemplo por faixa etária.
- **Baixa acessibilidade para grupos específicos:** idosos, gestantes, cadeirantes, deficientes visuais, entre outros.
- **Mais rotinas de higienização:** atividades ao ar livre e a hospedagem vão requerer rotinas de higienização mais rígidas, como para controle de carrapatos etc.
- **Logística:** para dispor e fornecer recursos, equipamentos e materiais, assim como instrumentos para observação de aves, equipamentos de segurança, etc.

Oportunidades (fatores externos favoráveis)

- **Crescimento do ecoturismo e turismo de experiência no Brasil.**
- **Demanda crescente por educação ambiental prática:** escolas buscando

atividades de campo.

- **Expansão da observação de aves e turismo pedagógico:** público disposto a pagar por experiências qualificadas.
 - **Parcerias institucionais:** universidades, grupos de pesquisa, ONGs, escolas técnicas e programas de extensão.
 - **Captção de recursos:** educação ambiental, conservação da biodiversidade, turismo sustentável e regeneração.
 - **Turismo de baixo impacto como diferencial competitivo** em comparação a destinos massificados.
 - **Possibilidade de produção de dados científicos:** inventários de fauna e flora, monitoramento ecológico participativo (não é apenas observação livre, diferencia a experiência de um simples passeio).
 - **Integração com economia local:** feiras, oficinas, artistas e produtores locais.
 - **Certificações e selos:** turismo sustentável, RPPN (se aplicável e desejável), educação ambiental.
 - **Implementar novos elementos permaculturais através de formações:** utilizar a força de trabalho dos cursistas na implementação de elementos de pequena e média complexidade, diminuindo drasticamente os custos operacionais
-

Ameaças (fatores externos de risco)

- **Instabilidade econômica:** redução do consumo de turismo educativo e ecológico.
- **Burocracia e exigências legais:** licenciamento ambiental, turismo, alimentação e hospedagem.
- **Concorrência indireta:** destinos consolidados de ecoturismo com maior visibilidade.
- **Mudanças climáticas:** impacto na biodiversidade, períodos de chuva extrema ou seca prolongada.
- **Dependência de públicos institucionais** (escolas e universidades) sujeitos a cortes orçamentários.
- **Desgaste ambiental** se a capacidade e fluxo de pessoas não for respeitado.
- **Expectativas desalinhadas do público** (conforto x rusticidade x experiência

educativa).

Leitura Estratégica

- Posicionar a Fazenda Malabar como **centro de turismo regenerativo e de experiência**, não como pousada / hospedaria convencional.
- Priorizar parcerias com **escolas, universidades e grupos** para garantir recorrência e viabilidade
- Valorizar a narrativa histórica + biodiversidade como diferencial premium.
- Usar a capacidade limitada como argumento de exclusividade e conservação.
- Criar critérios claros de público e comunicação para evitar massificação.
- Desenvolver projetos-piloto com escolas, universidades e agências de turismo para testar formatos.
- Buscar parcerias para qualificação da equipe e infraestrutura educativa.
- Diversificar públicos (turismo, educação, oficinas) para reduzir a dependência de um único segmento.
- Formalizar protocolos ambientais e operacionais desde o início.
- Construir parcerias que impulsionam os atrativos e a confiança para os públicos alvos
- Dispor de profissionais de distintas áreas de atuação integradas em narrativas mais completas e autênticas

5 DIMENSÃO VISÃO DE MUNDO

A forma como percebemos o mundo influencia diretamente nossas escolhas, relações e formas de agir. A visão de mundo funciona como um conjunto de ideias e valores que orientam como entendemos a realidade e, conseqüentemente, como nos posicionamos diante dela (GEDDES, 1931). Durante muito tempo, predominou uma visão baseada na separação entre ser humano e Natureza, que contribuiu para avanços importantes, mas também para uma relação de exploração e desequilíbrio com os sistemas vivos. Diante dos desafios atuais, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de uma mudança de perspectiva.

Nesse contexto, emerge uma visão de mundo mais holística, que reconhece a interdependência entre todos os sistemas da vida e propõe uma relação mais integrada e participativa com a Natureza (SMUTS, 1926; GOODWIN, 1999). Assim, compreender e transformar nossa visão de mundo torna-se um passo essencial para desenvolver práticas mais conscientes, regenerativas e alinhadas com a continuidade da vida no planeta.

FIGURA 9 – Visão espacial do Planeta Terra e Via Láctea



Fonte: Desconhecido. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/7881368095541849/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

VISÃO DE MUNDO NA MALABAR

A dimensão Visão de Mundo ajuda a compreender a camada mais profunda de um território: quais crenças esse território carrega, como ele percebe a vida, o que valoriza, como toma decisões e qual horizonte orienta suas práticas, decisões e interações. No caso da Fazenda Malabar, essa leitura é especialmente importante porque o território reúne agricultura orgânica, regeneração, hospitalidade, alimentação, educação e convivência em um mesmo espaço.

A história da fazenda já revela uma base importante dessa visão. Sua origem está ligada ao pensamento de Louis Bromfield, conhecido por defender uma agricultura mais integrada aos ciclos naturais, e à iniciativa de Carlito Aranha de trazer essa experiência para o Brasil. Isso mostra que a Malabar não surge apenas como uma propriedade produtiva, mas como um território com uma intenção mais ampla: produzir em diálogo com a terra.

Hoje, esse fio histórico parece continuar se expressando em novas formas: na produção orgânica, na hospitalidade, no restaurante que oferece uma alimentação conectada ao território e no potencial de receber visitantes, escolas e pessoas interessadas na Natureza, observação de aves e práticas regenerativas. Nesse contexto, Fazenda Malabar pode ser compreendida como um território em transição, onde produção, cuidado, aprendizagem e regeneração podem se fortalecer como partes de uma mesma visão ou até mesmo de ampliá-la.

CRENÇAS

A Fazenda Malabar parte da compreensão de que o ser humano é parte da Natureza e aprende por meio da relação direta com ela. Nesse sentido, entende-se que a experiência é uma das formas mais potentes de aprendizagem, e que o contato com a Natureza tem a capacidade de transformar percepção, comportamento e consciência.

A educação ambiental, portanto, é vista como algo que precisa ser vivido, e não apenas transmitido de forma teórica. Da mesma forma, a produção de alimentos é compreendida como uma prática que pode regenerar o solo, os ecossistemas e

também as relações humanas. O turismo, nesse contexto, deixa de ser uma atividade de exploração e passa a ser uma ferramenta de cuidado.

O território, por sua vez, é reconhecido como um espaço vivo, onde Natureza, cultura, conhecimento e comunidade estão profundamente interligados. Essa base orienta a fazenda a atuar não apenas como um espaço produtivo ou turístico, mas como um ambiente de aprendizagem, experiências, reconexão e transformação.

VALORES

Os valores da Fazenda Malabar se expressam na forma como o território é cuidado, compartilhado e vivido.

Entre os principais valores, destacam-se:

- **Cuidado com a terra** manejo responsável dos recursos naturais, práticas agroecológicas e regenerativas;
- **Educação experiencial** aprendizagem prática, significativa, sensorial e conectada ao território;
- **Conexão com a Natureza** valorização da presença, da observação e da relação com os sistemas vivos;
- **Simplicidade e autenticidade** experiências reais, não massificadas, com respeito ao ritmo do lugar;
- **Regeneração** compromisso com a restauração ecológica, social e cultural;
- **Compartilhamento de conhecimento** abertura para trocas entre visitantes, escolas, pesquisadores e comunidade;
- **Responsabilidade socioambiental** alinhamento com desafios contemporâneos como mudanças climáticas, biodiversidade e sustentabilidade;

VISÃO

A Fazenda Malabar se projeta como um território de agricultura ecológica e como uma referência em turismo regenerativo, educação ambiental e reconexão com a Natureza. Sua visão é se consolidar como um espaço de aprendizagem viva, onde escolas, visitantes e pesquisadores possam experienciar, na prática, a relação entre ser humano e Natureza. Ao mesmo tempo, busca se afirmar como um território que integra produção de alimentos, conservação ambiental e educação, criando condições para o surgimento de novas formas de consciência, mais sensíveis à interdependência entre sociedade e sistemas vivos.

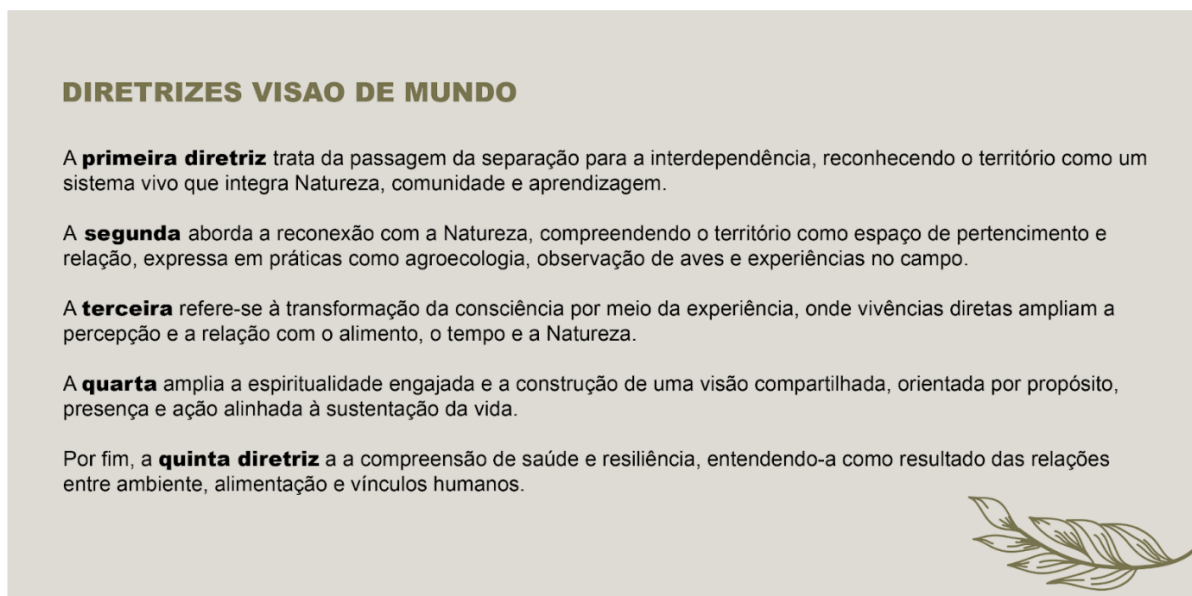
Nesse contexto, a Malabar também se posiciona como um modelo de turismo de experiência que valoriza a Natureza sem explorá-la, promovendo vivências mais profundas, responsáveis e conectadas ao território. Além disso, pretende atuar como um ponto de articulação entre conhecimento científico, saberes tradicionais e práticas regenerativas. A longo prazo, a Fazenda Malabar tem o potencial de se tornar um espaço que inspira transformação para além de seus limites físicos, formando visitantes que levam consigo novas formas de perceber, se relacionar e agir no mundo.

5.1 DESCRIÇÃO

Essa seção do relatório analisa como a construção de uma visão de mundo compartilhada pode fortalecer a identidade da Fazenda Malabar, alinhar seus propósitos e orientar decisões de forma coerente com o seu propósito regenerativo. Ao integrar diferentes perspectivas, empreendedores, equipe, visitantes, escolas e parceiros, o território amplia sua capacidade de atuar com consistência e clareza, sustentando um caminho alinhado aos desafios contemporâneos.

A proposta é apoiar um processo de reflexão que permita à Fazenda Malabar reconhecer e alinhar sua visão de mundo, fortalecendo sua atuação como território de educação ambiental, regeneração e reconexão com a Natureza. Diante das transformações globais, cultivar coerência entre valores, práticas e intenção torna-se essencial. A análise é estruturada em cinco diretrizes principais, inspiradas nos fundamentos do GEDS (Gaia Education Design for Sustainability):

FIGURA 10 – Quadro geral



Fonte: Autor (2026)

Todas essas diretrizes, quando integradas, criam um solo fértil para o florescimento de uma nova visão de mundo, que se constrói a partir da conexão, da contemplação, da escuta e da experiência direta.

5.2 DIAGNÓSTICO

5.2.1 Da separação para a interdependência

A primeira diretriz propõe a passagem de uma lógica de separação para uma lógica de interdependência, representando uma mudança fundamental na forma de compreender o mundo. Trata-se de deixar de perceber o ser humano como separado da Natureza e dos outros sistemas, e passar a reconhecê-lo como parte de uma rede viva de relações, onde tudo está conectado. Essa mudança de visão de mundo orienta não apenas a forma de pensar, mas também as práticas, decisões e formas de organização no território.

A análise da visão de mundo Fazenda Malabar foi conduzida através da lente da *Spiral Dynamics (SD)*, que ajuda a compreender como diferentes níveis de consciência coexistem no território. O modelo foi desenvolvido a partir dos estudos

de Clare Graves e aprofundado por Don Beck e Christopher Cowan, propondo que indivíduos, grupos e organizações operem a partir de sistemas de valores que evoluem e coexistem ao longo do tempo.

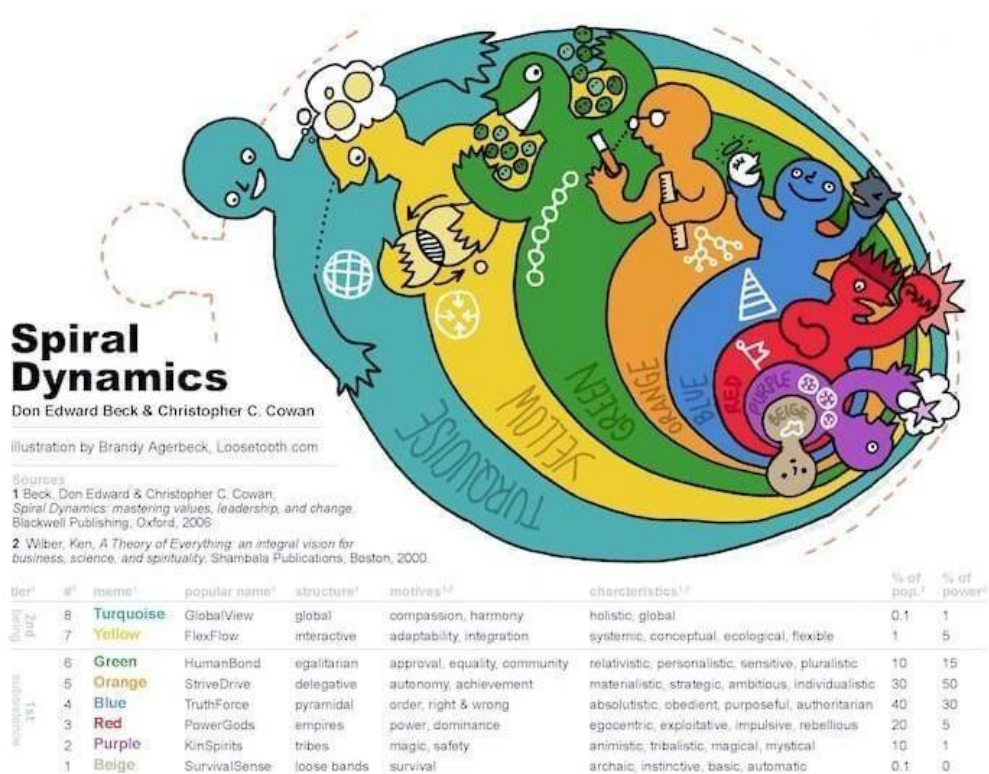
A Dinâmica da Espiral, Spiral Dynamics (SD) é uma forma simples de entender como as pessoas pensam, agem e tomam decisões no mundo. Ela mostra que cada pessoa opera a partir de um conjunto de valores e percepções, que influenciam diretamente a maneira como se relaciona com o trabalho, com os outros e com a vida. Não se trata de certo ou errado, mas de diferentes formas de ver e responder à realidade.

Essas diferentes formas de perceber o mundo são representadas por cores, e cada cor carrega um significado específico. Por exemplo, o azul está relacionado à ordem, regras e estrutura; o laranja ao resultado, eficiência e crescimento; o verde ao cuidado, às relações e à colaboração; e o amarelo a uma visão mais integrada e sistêmica. As cores não indicam hierarquia no sentido de melhor ou pior, mas sim diferentes estágios de desenvolvimento que podem coexistir.

Na prática, a Spiral Dynamics organiza esses padrões em níveis que refletem diferentes prioridades. Alguns são mais orientados à estrutura e organização, outros à performance e conquista, e outros ao bem-estar coletivo e à conexão. Dentro de uma mesma equipe ou organização, é comum que várias dessas camadas estejam presentes ao mesmo tempo, o que pode gerar tanto complementaridade quanto desafios de comunicação.

Fazer uma leitura através da SD é, antes de tudo, um exercício de observação. Em vez de focar apenas no que é dito, buscamos perceber o que está por trás das atitudes: o que motiva essa pessoa? Ela busca mais controle, eficiência ou conexão? Essa compreensão permite olhar para as dinâmicas com mais clareza e menos julgamento.

Quando aplicada em equipes e organizações, a Spiral Dynamics se torna uma ferramenta poderosa de alinhamento. Ela ajuda a identificar o que está faltando, mais estrutura, mais resultado ou mais cuidado e a criar um equilíbrio mais consciente entre esses elementos. Dessa forma, é possível construir ambientes mais integrados, onde diferentes formas de pensar passam a colaborar, em vez de entrar em conflito.

FIGURA 11 – Quadro explicativo da *Spiral Dynamics*

Fonte: Brandy Agerbeck. Disponível em: <https://scottjeffrey.com/spiral-dynamics/>. Acesso em: 25 mar. 2026.

FIGURA 12 – Legenda de cores da *Spiral Dynamics*

TABELA DE CORES E SEUS SIGNIFICADOS
pela Dinâmica da Espiral, *Spiral Dynamics* (SD)

Bege - sobrevivência, instinto, necessidades básicas
Roxo - pertencimento, tradição, segurança, simbólico
Vermelho - poder, ação, impulso, afirmação
Azul - ordem, regras, estrutura, autoridade
Laranja - realização, estratégia, autonomia, resultados
Verde - comunidade, cuidado, igualdade, sensibilidade
Amarélio - integração, sistema, flexibilidade, interdependência
Turquesa - visão holística, consciência coletiva, unidade

Fonte: Autor (2026)

Através das nossas observações usando a lente da Dinâmica da Espiral, notamos que a Fazenda Malabar pode ser compreendida como um território onde diferentes níveis de consciência coexistem, operando de forma simultânea e interdependente.

A análise indica uma predominância do nível **Verde**, que se expressa no cuidado com a Natureza, nas práticas agroecológicas, na educação ambiental e na valorização das relações e das experiências significativas. Esse nível revela uma forte intenção regenerativa e um movimento consistente de superação da lógica de separação entre ser humano e Natureza.

Ao mesmo tempo, o nível **Laranja** se mostra ativo e necessário, especialmente na estruturação do modelo de negócio, na operação da hospedagem, na oferta de experiências e na busca por viabilidade econômica. Esse nível sustenta a capacidade de realização e permite que o projeto se materialize de forma concreta.

O nível **Azul** aparece como uma dimensão ainda em processo de consolidação, relacionada à necessidade de maior clareza em processos, papéis, acordos e organização interna. Seu fortalecimento é fundamental para dar consistência ao crescimento do território e garantir a continuidade das iniciativas propostas.

Outros níveis também estão presentes, ainda que de forma menos central. O nível **Bege** se manifesta na relação direta com os ciclos naturais e na produção de alimentos, enquanto o **Roxo** pode ser percebido no vínculo afetivo com o território e no senso de pertencimento. O **Vermelho** aparece pontualmente em momentos de ação, decisão e liderança.

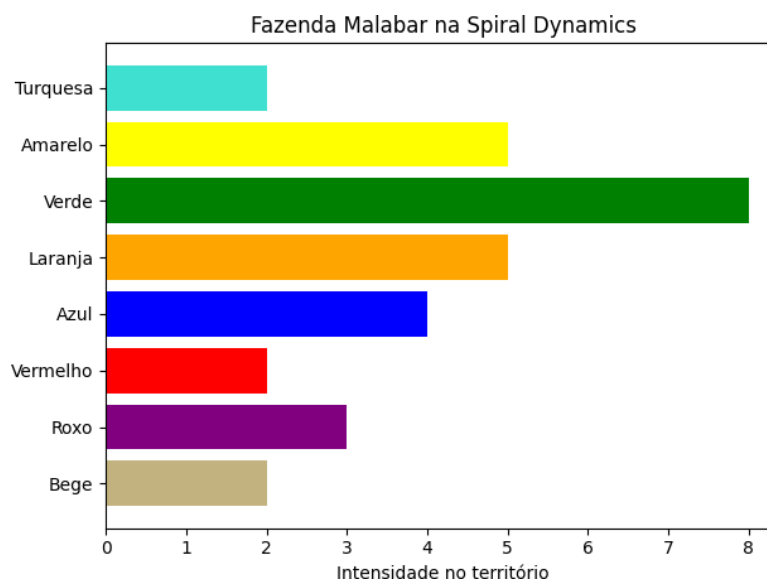
A partir dessa configuração, observa-se um potencial significativo de desenvolvimento em direção ao nível **Amarelo**, que representa uma capacidade maior de integração sistêmica. Nesse estágio, as diferentes dimensões do território - ecológica, econômica, social e educativa - passam a operar de forma mais articulada, reduzindo conflitos e aumentando a coerência entre visão e prática.

O nível **Turquesa**, por sua vez, pode ser compreendido como um horizonte de desenvolvimento, associado a uma visão mais ampla e holística da vida, que tende a emergir à medida que o território aprofunda sua integração e maturidade sistêmica.

De forma geral, a Fazenda Malabar pode ser compreendida como um território com forte base Verde, sustentado por estruturas Laranja e com o Azul em processo de fortalecimento, apresentando um caminho claro de evolução para o Amarelo e conseqüentemente, Turquesa. Nesse sentido, o principal movimento de desenvolvimento

não está na substituição de níveis, mas na capacidade de integrar de forma mais consciente e consistente as diferentes dimensões já presentes no sistema, permitindo que o território se consolide como um organismo vivo, coerente e regenerativo.

GRÁFICO 1 – Representação do case



Fonte: Autor (2026)

5.2.2 Reconexão com a natureza

Esta diretriz propõe uma reconexão com a Natureza que vai além do uso do território como recurso. Trata-se de reconhecer a Natureza como um sistema vivo, com o qual nos relacionamos e do qual fazemos parte. Essa visão está alinhada a abordagens como a Ecologia Profunda e a hipótese de Gaia, que compreendem a vida como um sistema interdependente (NAESS, 1973; LOVELOCK, 2006).

Na Fazenda Malabar, essa relação já está presente em práticas como a agroecologia, a produção orgânica, a observação de aves e a vivência no campo. No entanto, a análise indica que esse potencial pode ser mais bem estruturado e intencional, principalmente na forma como essas experiências são organizadas e vividas pelos visitantes e pela equipe.

Um dos principais caminhos para aprofundar essa reconexão é através da experiência direta. Mais do que aprender sobre a Natureza, trata-se de vivenciá-la. Práticas como caminhadas conscientes, observação de aves, vivências na horta ou agrofloresta e

experiências campo-mesa permitem que as pessoas percebam os ciclos naturais de forma concreta e sensível.

Nesse sentido, o conceito de *interser*, desenvolvido por Thich Nhat Hanh (1987), contribui para essa compreensão ao mostrar que todos os seres estão profundamente conectados e que nada existe de forma isolada. Aplicado à Fazenda Malabar, esse olhar fortalece a percepção de que o alimento, o solo, a água, os seres vivos e as pessoas fazem parte de um mesmo sistema.

FIGURA 12 – Registro de Thich Nhat Hanh



Fonte: Desconhecido. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/64387469667456188/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

Além disso, a Ecologia Integral ajuda a integrar essa experiência de forma mais completa, conectando diferentes dimensões da vivência, percepção, comportamento, cultura e sistemas (WILBER, 2000). No contexto da Fazenda Malabar, isso significa alinhar o que é vivido nas experiências com a forma como o território é organizado e operado no dia a dia.

De forma geral, a Fazenda Malabar já possui uma base sólida para a reconexão com a Natureza. O principal potencial de desenvolvimento está em tornar essa relação mais consciente, integrada e presente na experiência como um todo. Assim, a Natureza deixa de ser apenas o cenário e passa a ser parte ativa do processo de aprendizagem, cuidado e

transformação.

5.2.3 Transformação da consciência

A terceira diretriz trata da transformação da consciência a partir da experiência direta. Parte do entendimento de que a mudança de percepção não acontece apenas por meio de informação, mas principalmente através de vivências que envolvem o corpo, os sentidos e a relação com o território.

Na Fazenda Malabar, esse eixo se apresenta como um dos seus maiores potenciais. Mais do que um espaço de produção ou visitação, o território pode se consolidar como um ambiente de aprendizagem viva, onde as experiências transformam a forma como as pessoas percebem o alimento, a Natureza, o tempo e as relações.

FIGURA 13 – Registro de pessoas em comunidade



Fonte: Desconhecido. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/118782508916098700/>. Acesso em: 29. Mar. 2026.

Um dos principais elementos dessa transformação é o próprio roteiro da experiência. Quando estruturado de forma intencional, ele deixa de ser apenas uma sequência de atividades e passa a ser um percurso de aprendizagem. Momentos como a chegada, o contato com a horta ou agrofloresta, a colheita, o preparo do alimento e a vivência no território podem ser organizados como uma jornada que convida à desaceleração e à presença.

Esse tipo de experiência favorece não apenas a compreensão racional, mas uma transformação mais profunda na forma de perceber e se relacionar com o mundo. Como propõe David Kolb(1984), o aprendizado se torna mais significativo quando parte da experiência concreta e é integrado por meio da reflexão.

Nesse sentido, a transformação da consciência também está relacionada à capacidade de desenvolver uma conexão mais sensível e relacional com o ambiente. Experiências que envolvem contato direto com a Natureza, cuidado com a terra, alimentação consciente e convivência no território favorecem o surgimento de um sentimento de pertencimento e responsabilidade, ampliando a forma como os indivíduos se percebem dentro dos sistemas vivos.

Aplicado à Fazenda Malabar, isso significa que as experiências oferecidas podem atuar como catalisadoras de consciência. Ao vivenciar os ciclos da Natureza, o cuidado com a terra e a relação com o alimento, o visitante não apenas aprende, mas transforma sua forma de perceber e se posicionar no mundo.

De forma geral, a Fazenda Malabar já possui os elementos necessários para essa transformação. O principal potencial está em tornar essas experiências mais intencionais e integradas, permitindo que cada vivência seja também um processo de sensibilização e aprendizagem profunda.

5.2.4 Espiritualidade engajada e formação de agentes de mudança

Esta diretriz compreende a espiritualidade como uma prática viva, não ligada à religião, mas à presença, à consciência e à forma como nos relacionamos com a vida. Ela se manifesta quando valores se tornam ações concretas no cuidado com o território, com as pessoas e com os sistemas vivos.

Fomos condicionados a perceber o mundo de forma separada: corpo e mente, ser humano e natureza, espiritualidade e ciência. Fortalecer uma espiritualidade engajada é, portanto, um convite a mudar essa visão, de uma lógica fragmentada para uma visão integrada, onde reconhecemos a interdependência entre tudo o que existe. Na Fazenda Malabar, esse potencial já está presente. O caminho é torná-lo mais consciente e vivido no dia a dia, de forma simples, prática e consistente.

Práticas para colaboradores e empreendedores

A base dessa transformação começa por quem sustenta o espaço. Nesse sentido, a espiritualidade engajada se torna viva quando está presente no cotidiano da Fazenda, especialmente no cuidado com os colaboradores.

Mais do que propor práticas isoladas, trata-se de cultivar uma cultura onde o cuidar de quem cuida é parte essencial do funcionamento do sistema. Essa compreensão parte do reconhecimento de que todos os colaboradores são parte de um sistema vivo e interdependente, e que o bem-estar de cada pessoa impacta diretamente a qualidade das relações, do trabalho e da experiência oferecida. Espaços dedicados ao autodesenvolvimento, à escuta, à autoanálise e ao cuidado integral, incluindo temas como, meditação, movimento consciente, alimentação apropriada e equilíbrio individual, fortalecem não apenas o indivíduo, mas o coletivo como um todo.

No contexto da Fazenda Malabar, esse entendimento pode se expandir de forma mais abrangente, integrando todos os colaboradores e empreendedores. Ao criar condições para que cada pessoa possa se reconectar consigo mesma, com o outro e com o ambiente, abre-se espaço para uma experiência mais alinhada, significativa e sustentável. Essa conexão com o próprio centro, ou com o que podemos chamar de “Eu mais consciente”, fortalece o senso de pertencimento e gera uma satisfação mais profunda em estar e trabalhar naquele espaço. Essa qualidade interna naturalmente reverbera no ambiente, influenciando as relações, conexão entre a equipe e a forma como os visitantes são recebidos. O que é cultivado internamente transborda para fora.

Além disso, essa diretriz está diretamente relacionada à saúde, não apenas no sentido físico, mas também emocional, mental e energético. Sustentar práticas de autocuidado no dia a dia contribui para a regulação do sistema nervoso, redução de estresse e maior equilíbrio, permitindo que os colaboradores estejam mais presentes, disponíveis e conectados.

Com o intuito de fortalecer o bem-estar integral, físico, emocional, mental e energético, sugerimos a incorporação de práticas simples e acessíveis no cotidiano da Fazenda Malabar. Essas práticas apoiam o desenvolvimento de uma espiritualidade engajada vivida na prática. Mais do que práticas isoladas, o convite é que a espiritualidade engajada se torne uma forma de viver, criar e estar no mundo: com presença, cuidado, consciência e conexão.

Ao cuidar de si, cada colaborador fortalece sua própria saúde e bem-estar, e isso naturalmente reverbera no coletivo, nas relações e na experiência oferecida. Esse cuidado interno se expande para o ambiente, para os visitantes e para todo o sistema vivo da Fazenda.

Práticas individuais e coletivas

Com o intuito de fortalecer o bem-estar integral, físico, emocional, mental e energético, sugerimos a incorporação de práticas simples e acessíveis no cotidiano da Fazenda Malabar. Essas práticas apoiam a regulação do sistema nervoso, o autocuidado e o desenvolvimento de uma espiritualidade engajada vivida na prática.

- **Meditação**

Momentos guiados ou em silêncio, no início do dia ou em encontros semanais, apoiando a presença, a clareza mental e o equilíbrio emocional.

- **Yoga**

Práticas suaves de movimento e respiração, que auxiliam na consciência corporal, no alongamento e na liberação de tensões acumuladas.

- **Walking meditation (meditação caminhando)**

Caminhadas conscientes pelo território, com atenção à respiração, aos passos e ao ambiente ao redor, fortalecendo a conexão com a natureza.

- **Working meditation (meditação em ação)** um convite a realizar as tarefas do dia com atenção plena, seja no preparo dos alimentos, no atendimento ou no cuidado com o espaço, transformando o trabalho em prática.

- **Mindfulness relacional** Práticas de presença nas interações, incentivando escuta ativa, comunicação consciente e maior qualidade nas relações entre a equipe.

- **Organização e ritmo (cronograma de bem-estar)** para que essas práticas se sustentam, é importante organizá-las de forma simples e realista:

Diariamente

Breve meditação ou respiração no início do turno

Pausas conscientes ao longo do dia

Presença nas tarefas (working meditation)

Semanalmente

1 prática de yoga, meditação guiada ou roda de escuta

1 momento de conexão com o território (ex: walking meditation)

Mensalmente (ou conforme possível)

Encontro mais profundo de autocuidado, integração ou desenvolvimento pessoal

Práticas para os visitantes

As práticas de bem-estar e espiritualidade engajada vividas internamente pela equipe podem também ser compartilhadas com os visitantes, criando uma experiência mais profunda, coerente e alinhada com os valores da Fazenda Malabar. Quando essas práticas são incorporadas de forma autêntica pelos colaboradores, elas deixam de ser apenas atividades oferecidas e passam a ser experiências vivas, que naturalmente se estendem para quem chega ao espaço.

Nesse sentido, algumas dessas práticas podem ser adaptadas e replicadas no formato externo:

- **Meditação**

Sessões guiadas ou momentos de silêncio, convidando os visitantes à presença e à desaceleração.

- **Yoga**

Práticas acessíveis que promovem consciência corporal, relaxamento e conexão.

- **Walking meditation (meditação caminhando)**

Caminhadas conscientes pelo território, incentivando a conexão com a natureza e com o momento presente.

- **Working meditation (meditação em ação)**

Experiências onde os visitantes podem participar de atividades da Fazenda com atenção plena, como preparo de alimentos, cuidado com a terra ou pequenas

práticas manuais.

- **Mindfulness relacional**

Vivências que estimulam a escuta, a presença nas interações e uma forma mais consciente de se relacionar com o outro.

Essas práticas podem ser oferecidas de forma pontual ou integradas à experiência do visitante, sempre respeitando o ritmo e o interesse de cada pessoa, sem imposição.

Mais do que oferecer atividades, o objetivo é criar um ambiente que naturalmente convida à pausa, à presença e à reconexão. Dessa forma, a experiência do visitante se torna uma extensão da cultura viva da Fazenda, onde o cuidado, a consciência e a conexão são percebidas em cada detalhe.

5.2.5 Saúde e Resiliência

Essa diretriz propõe uma visão de saúde mais ampla, entendida não apenas como ausência de doença, mas como resultado das relações entre corpo, ambiente, alimentação, vínculos e território. Em um contexto regenerativo, promover saúde significa criar condições para que pessoas e sistemas vivos possam se equilibrar, se adaptar e se regenerar ao longo do tempo.

Na Fazenda Malabar, esse potencial já está presente de forma natural. A produção orgânica, a alimentação conectada ao território, o contato com a Natureza e o ritmo mais desacelerado do campo criam um ambiente favorável ao bem-estar. No entanto, a análise indica que esse potencial pode ser mais intencionalmente estruturado dentro da experiência oferecida.

Um ponto essencial para essa construção é compreender que a saúde oferecida ao visitante começa no cuidado com quem sustenta o espaço. Quando colaboradores e facilitadores têm acesso a práticas de autocuidado, regulação e bem-estar, como proposto na diretriz anterior, cria-se um ambiente mais equilibrado, presente e coerente. Esse cuidado interno se reflete diretamente na qualidade das relações, no ambiente e na experiência vivida por quem chega. Assim, a saúde deixa de ser apenas uma proposta externa e passa a ser uma cultura incorporada.

A partir dessa base, um dos principais caminhos é compreender a experiência como

promotora de saúde. Pequenas ações já podem fortalecer isso, como incluir momentos de pausa, silêncio, respiração, presença e estímulo à percepção sensorial ao longo das vivências. Quando o visitante desacelera, observa, toca, sente e participa, a experiência deixa de ser apenas informativa e passa a ser restauradora.

Além disso, a integração de práticas simples de cuidado pode ampliar ainda mais esse efeito. Atividades como caminhadas na Natureza, meditação, yoga, alongamentos e momentos de descanso ajudam a reduzir o estresse e aprofundar a conexão com o corpo e com o ambiente. O uso de saberes naturais, como plantas medicinais, fitoterapia e aromaterapia, também pode enriquecer a experiência, conectando cuidado pessoal com conhecimento ancestral.

Outro ponto importante é ampliar a relação com o território. A saúde não acontece de forma isolada, mas nas relações. Nesse sentido, conectar o visitante com a bioregião, através de projetos locais, feiras, práticas culturais e iniciativas vizinhas, fortalece o sentimento de pertencimento às redes de colaboração e à economia local.

A Malabar apresenta um solo fértil para atuar como um espaço de saúde integral. Seu potencial consiste em tornar esse cuidado mais visível, intencional e integrado à experiência como um todo. Assim, o território deixa de ser apenas um lugar de visita e passa a ser um espaço de regeneração, onde Natureza, alimento, corpo e relações se conectam de forma simples e viva.

5.3 PROPOSIÇÕES

A partir do diagnóstico realizado na Dimensão Visão de Mundo dentro da Fazenda Malabar, pode-se observar que a Fazenda já possui uma base consistente alinhada a uma visão regenerativa. O principal movimento não está em criar algo novo, mas em tornar mais consciente, estruturado e integrado o que já existe no território.

Nesse sentido, a implementação pode ser compreendida em três horizontes, curto, médio e longo prazo, que acompanham a transição da separação para a interdependência.

ETAPA 1 - Organização, Alinhamento e Clareza

Uma primeira etapa é o alinhamento de visão com a equipe, buscando compreender como a Dinâmica Espiral (Spiral Dynamics) se manifesta atualmente na Fazenda Malabar.

Esse processo envolve entrar em contato com os pontos fortes já presentes no território, assim como identificar áreas de potencial desenvolvimento, por meio de encontros simples que integrem propósito, valores e direção da Malabar.

No dia a dia, isso pode ser aplicado através de conversas práticas sobre a rotina. A equipe pode refletir, por exemplo, sobre onde falta mais organização, onde é preciso mais agilidade ou onde o cuidado com as pessoas e com o espaço pode ser ampliado. Essa leitura ajuda a trazer clareza sem julgamento, entendendo o que cada situação pede.

Uma prática simples é a criação de um “mapa da operação”, onde a equipe pode utilizar materiais como papéis, lápis de cor e post-its, associando cada cor da Spiral Dynamics às diferentes áreas e funções da fazenda. Isso permite visualizar espaços como restaurante, granja, hospedagem e experiências, identificando como eles se conectam. Esse exercício fortalece a percepção de interdependência e melhora a comunicação entre os setores.

Também podem ser realizados alinhamentos rápidos no início do dia, com perguntas como: “o que precisa de mais organização hoje?”, “onde precisamos ser mais eficientes?” e “como podemos cuidar melhor da experiência?”. Esses momentos ajudam a trazer presença e direção para a equipe.

Ao final das atividades, pequenos momentos de feedback permitem refletir sobre o que funcionou, o que pode melhorar e onde houve mais ou menos conexão. Isso apoia o aprendizado contínuo e ajustes práticos na operação.

Dessa forma, a Spiral Dynamics se torna uma ferramenta de gestão viva, apoiando uma operação mais organizada, consciente e alinhada com a proposta regenerativa da Fazenda Malabar.

ETAPA 2 - Fortalecer o Bem-Estar dos Colaboradores e Empreendedores como Base de um Sistema Vivo

Tanto no nível individual quanto coletivo, a Fazenda Malabar pode se posicionar como um espaço que cultiva o bem-estar, o autocuidado e a espiritualidade engajada como parte do seu funcionamento. Esse movimento começa de dentro para fora, sendo essencial que a experiência vivida pelos colaboradores e empreendedores seja coerente, autêntica e alinhada aos valores do território.

Mais do que práticas isoladas, trata-se de criar uma cultura onde o **cuidar de quem**

cuida é parte estruturante do sistema. Quando os colaboradores se sentem regulados, nutridos e conectados, isso se reflete diretamente no ambiente, nas relações e na experiência oferecida.

No nível operacional, isso implica trazer intencionalidade para o cotidiano, integrando práticas simples de bem-estar à rotina de trabalho. Assim, o dia a dia deixa de ser apenas funcional e passa a ser também um espaço de cuidado, presença e desenvolvimento humano promovendo saúde integral e fortalecendo a expansão de uma nova visão de mundo.

Essas experiências podem ser oferecidas de forma leve e opcional, respeitando o ritmo de cada visitante, sem imposição, mas como um convite à presença e à reconexão. Dessa forma, a experiência deixa de ser apenas uma visita e passa a se configurar como um espaço de aprendizagem, cuidado e transformação.

Curto prazo (0–3 meses)

Foco: criar consciência, alinhamento e pequenas mudanças no cotidiano

Nesse primeiro momento, o mais importante é não adicionar complexidade, mas trazer presença e clareza para o que já acontece no dia a dia.

A ETAPA 1 pode começar com encontros simples de alinhamento com a equipe, trazendo reflexões sobre propósito, valores e funcionamento da operação. Ferramentas como a Spiral Dynamics podem ser introduzidas de forma leve, como apoio para leitura da realidade, e não como algo técnico ou distante.

No cotidiano, pequenas práticas já fazem grande diferença:

- abertura do dia com 5 minutos de respiração ou intenção
- uma pergunta simples para orientar o dia (ex: “o que precisamos cuidar melhor hoje?”)
- fechamento rápido com aprendizados ou ajustes

A ETAPA 2, voltada ao bem-estar, deve ser introduzida de forma leve e orgânica, sem impor uma rotina rígida. O foco é criar espaço para o autocuidado dentro da realidade operacional:

- pausas conscientes ao longo do dia
- pequenas práticas de respiração

- incentivo à presença nas tarefas (working meditation)
- check-ins simples e objetivos

Para os visitantes, nesse estágio, não é necessário estruturar experiências formais. O mais importante é começar a trazer mais presença na forma como as vivências acontecem, criando um ambiente que naturalmente convida à desaceleração.

Médio prazo (3–12 meses)

Foco: estruturar práticas, aprofundar experiências e criar consistência

Com a base mais consolidada, o próximo passo é organizar as práticas de forma mais clara e contínua, integrando o bem-estar, a operação e a experiência em um mesmo fluxo.

No nível interno, pode-se estruturar um **cronograma simples de bem-estar e espiritualidade engajada**, integrado à rotina da equipe, de forma realista e sustentável:

- 1 encontro semanal (meditação, yoga, escuta ou partilha)
- 1 encontro mensal mais profundo de autocuidado ou desenvolvimento
- pausas conscientes estruturadas ao longo do dia

Paralelamente, torna-se importante desenvolver habilidades na equipe que sustentem essa cultura no cotidiano:

- auto escuta e percepção corporal
- regulação emocional
- comunicação consciente
- presença nas relações

O apoio de um facilitador externo pode ser muito valioso nesse momento, trazendo consistência e aprofundamento. Essas práticas podem ser oferecidas como atividades extracurriculares, fora do horário de trabalho, em formato online (como encontros via Zoom), permitindo flexibilidade e acesso contínuo.

À medida que essa base interna se fortalece, ela começa a se refletir naturalmente

na experiência oferecida.

Para os visitantes, inicia-se a estruturação de vivências simples, alinhadas com essa cultura:

- walking meditation
- momentos guiados de respiração e presença
- pausas conscientes ao longo das experiências
- vivências mais participativas e sensoriais

A equipe pode, gradualmente, começar a facilitar essas experiências de forma natural, sem necessidade de especialização, a partir da própria vivência.

Nesse estágio, a Fazenda Malabar passa a se estruturar de forma mais clara como um **território de aprendizagem regenerativa**. Um movimento central é o desenvolvimento de **programas organizados**, especialmente voltados para escolas e grupos, conectando educação ambiental, vivência prática e reflexão.

A equipe amplia seu papel, atuando também como facilitadora de experiências, sendo importante aprofundar habilidades como escuta, presença e condução de grupos. Ao mesmo tempo, fortalece-se a integração entre as diretrizes, conectando de forma mais intencional:

- **Natureza** (experiência direta)
- **Consciência** (percepção e reflexão)
- **Saúde** (bem-estar e presença)
- **Espiritualidade** (sentido e conexão)

Para sustentar essa integração ao longo do tempo, torna-se muito potente a criação de um **calendário anual de experiências**, alinhado aos ciclos naturais e às estações do ano. Esse calendário pode incluir:

- Eventos sazonais (colheitas, mudanças de estação)
- Vivências temáticas (água, solo, biodiversidade)
- Encontros coletivos e celebrações do território
- Práticas como yoga, meditação e dança circular

Essa organização reforça a conexão com os ritmos naturais e cria uma narrativa contínua ao longo do ano, tanto para a equipe quanto para os visitantes.

Longo prazo (12–24+ meses)

Foco: consolidar cultura e integrar o sistema

No longo prazo, o cuidado deixa de ser uma iniciativa e passa a ser parte da cultura viva da Fazenda Malabar. As práticas de bem-estar, presença e autocuidado se tornam naturais no cotidiano, sustentadas pela própria equipe, sem necessidade de estrutura rígida.

O trabalho passa a ser vivido com mais sentido, equilíbrio e consciência, e essa qualidade se reflete diretamente no ambiente, nas relações e na experiência oferecida. O que antes era intencionalmente implementado agora passa a acontecer de forma orgânica.

Nesse estágio, a Fazenda se consolida como um sistema integrado, operando com maior coerência entre suas dimensões ecológica, social, econômica e educativa. A lógica deixa de ser fragmentada e passa a ser sistêmica, refletindo uma visão mais integrada da vida.

O cuidado com o colaborador se estabelece como parte da própria operação, sustentando uma cultura onde:

- A saúde é vivida de forma integral (corpo, mente, emoções e relações)
- O bem-estar faz parte do dia a dia, e não de momentos isolados
- A espiritualidade engajada se expressa no cotidiano, como presença, propósito e ação

À medida que essa base se fortalece internamente, ela se expande naturalmente para a experiência externa.

As vivências oferecidas aos visitantes se tornam mais estruturadas, profundas e coerentes com a cultura do território, podendo incluir:

- Imersões, retiros e programas educativos
- Experiências de reconexão com a natureza
- Práticas integradas de bem-estar, consciência e presença

O calendário anual se consolida como uma ferramenta central, organizando o fluxo do ano a partir da leitura dos ciclos naturais, marcada pelas estações do ano. As experiências deixam de ser pontuais e passam a compor uma jornada contínua e consistente, conectando equipe, visitantes e território ao ritmo das estações.

A Fazenda Malabar se posiciona, então, como um território de **aprendizagem regenerativa**, oferecendo:

- Formações e cursos
- Imersões e retiros
- Programas educativos para escolas e grupos
- Experiências aprofundadas de reconexão

No eixo de saúde e resiliência, o espaço se consolida como um ambiente de cuidado integral, onde:

- Alimentação, ambiente e experiência atuam de forma integrada
- Práticas de bem-estar fazem parte da cultura do lugar
- A saúde é vivida como relação com a vida, e não apenas ausência de doença

Nesse estágio, o que é cultivado internamente se expande naturalmente. A equipe se torna guardiã dessa cultura, e os visitantes passam a vivenciar algo autêntico, coerente e transformador.

Mais do que um lugar, a Fazenda passa a atuar como um campo de transformação, onde as pessoas levam consigo novas formas de perceber, sentir e se relacionar com o mundo.

5.4 MÉTRICAS

A avaliação da implementação pode ser realizada por meio de ferramentas simples, acessíveis e integradas ao cotidiano da Fazenda Malabar, permitindo acompanhar a experiência vivida sem tornar o processo complexo.

No caso dos visitantes, o feedback pode ser coletado de diferentes formas, de acordo

com o contexto da experiência. Perguntas abertas ao final das vivências permitem captar percepções mais profundas, como o que mais marcou a experiência, se houve mudança na forma de perceber a Natureza ou o alimento, e como a pessoa se sente ao sair do território.

Esses feedbacks podem ser registrados por meio de:

- Formulários digitais (como Google Forms, acessados por QR code)
- Avaliações em plataformas como Google Reviews
- Registros escritos em papel, disponíveis no espaço

Cada formato atende a diferentes perfis de visitantes, garantindo maior alcance e espontaneidade nas respostas.

Além disso, podem ser utilizadas escalas simples de avaliação (de 1 a 5) para medir aspectos como conexão com a Natureza, presença, bem-estar e aprendizado, facilitando a leitura dos resultados ao longo do tempo.

No nível interno, o acompanhamento da equipe pode ser realizado por meio de ferramentas como Google Forms ou check-ins periódicos, com perguntas simples sobre compreensão do propósito, alinhamento com os valores e percepção da experiência no dia a dia. Isso permite identificar se a visão de mundo está sendo vivida de forma coerente dentro da operação.

A observação direta das experiências também se apresenta como uma ferramenta importante. Elementos como nível de presença dos participantes, qualidade da escuta, engajamento e interação com o território oferecem indicadores relevantes sobre a profundidade das vivências.

A coleta de depoimentos e frases espontâneas dos visitantes pode ser incorporada como um indicador qualitativo significativo, revelando transformações sutis na percepção e na forma de se relacionar com o mundo.

Dessa forma, a mensuração da visão de mundo se constrói a partir de um conjunto simples de ferramentas, que combinam dados quantitativos e qualitativos, permitindo acompanhar, de forma contínua e prática, se os valores e propósitos do território estão sendo efetivamente vividos e percebidos.

6 DIMENSÃO ECOLÓGICA

6.1 DESCRIÇÃO

A incorporação da dimensão ecológica na Fazenda Malabar convida a um deslocamento de olhar: sair de uma lógica mercantilista, que separa ser humano e Natureza — tratando-a apenas como recurso — para uma compreensão mais ampla e integradora onde o território é reconhecido como um sistema vivo do qual somos parte.

Em um contexto marcado por relações cada vez mais fragmentadas, a percepção de pertencimento tende a se enfraquecer, tornando difusa a consciência de interdependência entre pessoas, ecossistemas e modos de produção.

Nesse sentido, a tratativa dimensão ecológica não se restringe à adoção de práticas sustentáveis, mas implica em uma mudança de paradigma: reconhecer a Natureza que somos e os ciclos naturais aos quais pertencemos, valorizar a biodiversidade e orientar as ações a partir da regeneração dos sistemas vivos.

Para retornar à este lugar de consciência que já nos habita, se faz necessário nutrir o vínculo esquecido com a Natureza, e isto, só é possível através de vivências, é preciso experimentar no corpo, ou melhor dizendo, nos corpos - mental, emocional, cognitivo, físico e espiritual - a Natureza que somos.

O ponto de partida para nutrir esse vínculo, é compreender a Natureza como mestra, como educadora, percebendo-a como sujeito. Adotando o turismo de experiência, como o coração da proposta, criando condições para que a fazenda opere não apenas como espaço produtivo, mas como um território de reconexão, aprendizagem e cuidado com a vida em suas múltiplas formas.

6.1.1 Turismo de experiência como ferramenta de transformação

Nossa proposta é criar um programa de turismo de experiência enraizado em práticas regenerativas, utilizando o capital construído da fazenda - como as hospedagens ecológicas, trilhas, restaurante, empório, hortas, jardins e agroflorestas

- com o objetivo de gerar um novo eixo de atuação que agregue no capital financeiro, natural, social e humano da Malabar.

O turismo de experiência pode ser compreendido como uma abordagem em que o valor da atividade turística não está apenas no serviço prestado, mas nas vivências significativas proporcionadas ao visitante, nas quais o turista deixa de ser apenas consumidor de serviços e passa a atuar como protagonista da própria experiência. Segundo Bernd Schmitt, as experiências envolvem dimensões sensoriais, emocionais, cognitivas e relacionais, sendo fundamentais para a criação de vínculos duradouros. No campo do turismo, Eduardo Pezzi e Silvio Luiz Gonçalves Vianna destacam que a experiência turística se configura como um fenômeno complexo e subjetivo, construído a partir da interação entre indivíduo, ambiente e contexto sociocultural, podendo gerar aprendizagens e memórias significativas. Complementarmente, Greg Richards associa o turismo de experiência ao envolvimento ativo do visitante com a cultura local, ressaltando que a participação e a autenticidade são elementos-chave para a construção de experiências transformadoras. Dessa forma, o turismo de experiência se consolida como uma prática que integra emoção, participação e significado, ampliando o potencial de conexão entre pessoas, territórios e saberes.

A inserção da educação ambiental por meio do turismo de experiências, nasce como um caminho de reconexão — não apenas com a Natureza, mas com os próprios modos de perceber, viver, aprender e se relacionar. Mais do que compartilhar conteúdos, trata-se de criar vivências significativas, onde o visitante participa ativamente dos ciclos da vida: plantar, cuidar, colher, cozinhar, observar, sentir e se relacionar. Nesse processo, a aprendizagem deixa de ser abstrata e passiva e passa a ser incorporada como experiência e ação.

Esse tipo de turismo tem um grande potencial transformador porque desloca a pessoa da posição de observadora para a de participante ativa da realidade. Não se trata apenas de visitar um lugar, mas de viver algo que atravessa o corpo, as emoções e a forma de perceber o mundo. Diferente do aprendizado teórico, a experiência envolve o fazer, o tocar e o sentir, mobilizando emoções como encantamento, surpresa e até desconforto. Por isso, aquilo que é vivido tende a permanecer de forma mais profunda, influenciando escolhas e atitudes ao longo do tempo.

Ao sair do cotidiano, a pessoa também se afasta de padrões automáticos e entra em contato com outras possibilidades de existência. A desaceleração e o contato com novos

contextos criam uma espécie de abertura, onde hábitos podem ser questionados e novas percepções emergem. O potencial transformador da experiência se conecta diretamente ao conceito de alfabetização ecológica, desenvolvido por Fritjof Capra (2006). Para Capra, tornar-se ecologicamente alfabetizado significa compreender, na prática, os princípios que organizam a vida — redes, sistemas aninhados, interdependência, diversidade, ciclos, fluxos, desenvolvimento e equilíbrio dinâmico.

Isso só se faz possível através da experiência. Ao participar de vivências como plantar, colher, cozinhar ou observar a Natureza, o visitante começa a perceber os fluxos que sustentam a vida — de energia, de água, de nutrientes — entendendo que nada está parado, tudo circula. Esses fluxos se organizam em ciclos, como o ciclo do alimento ou da matéria orgânica, que pode ser acompanhado de forma concreta quando um resíduo retorna ao solo como nutriente, através da compostagem. Essa percepção rompe com a lógica linear e aproxima o indivíduo de uma visão mais integrada da realidade. A experiência também evidencia a importância da diversidade, ao mostrar que sistemas vivos mais diversos são mais resilientes e equilibrados, seja em uma horta, em uma agrofloresta ou nas próprias relações humanas. Ao mesmo tempo, torna visível a interdependência entre todos os elementos: solo, plantas, animais e pessoas existem em relação, e a qualidade dessas relações define a saúde do sistema como um todo. Outro princípio que se revela é o dos sistemas aninhados, onde cada sistema está contido em outro maior — o indivíduo na comunidade, a comunidade no território, o território no planeta.

Essa compreensão amplia o senso de pertencimento e responsabilidade, pois evidencia que ações locais têm impactos em escalas mais amplas. Além desses, a alfabetização ecológica também envolve compreender as redes, ou seja, as conexões que estruturam a vida — incluindo as relações que se tecem entre visitantes, facilitadores e a própria Natureza, em processos de troca, escuta e construção coletiva. Nesse contexto, o encontro com o outro torna-se também parte da aprendizagem, fortalecendo vínculos e ampliando a percepção de pertencimento ao todo; reconhecer a importância do equilíbrio dinâmico, em que os sistemas se ajustam continuamente; e desenvolver a capacidade de parceria, entendendo que a cooperação é um princípio fundamental da Natureza.

Assim, a Fazenda Malabar pode se consolidar como um espaço onde educar, viver e regenerar caminham juntos — transformando o turismo em uma ponte entre consciência, prática e sustentabilidade.

6.1.2 O espaço molda o comportamento - permacultura, design e biofilia

A forma como nos comportamos, sentimos e nos relacionamos com o mundo não emerge apenas de aspectos internos, mas é profundamente influenciada pelos espaços que habitamos. O ambiente construído — suas formas, fluxos, proporções e possibilidades de encontro — atua como um mediador silencioso das nossas experiências cotidianas. Nesse sentido, o espaço deixa de ser um pano de fundo neutro e passa a ser compreendido como um agente ativo na construção das relações humanas. Como propõe Christopher Alexander (1977), os padrões espaciais influenciam diretamente como as pessoas se comportam e se sentem, podendo estimular o bem-estar, a convivência e a conexão — ou, ao contrário, gerar distanciamento e fragmentação.

FIGURA 14 - Biofilia e sustentabilidade no planejamento urbano: interfaces conceituais e parâmetros de análise

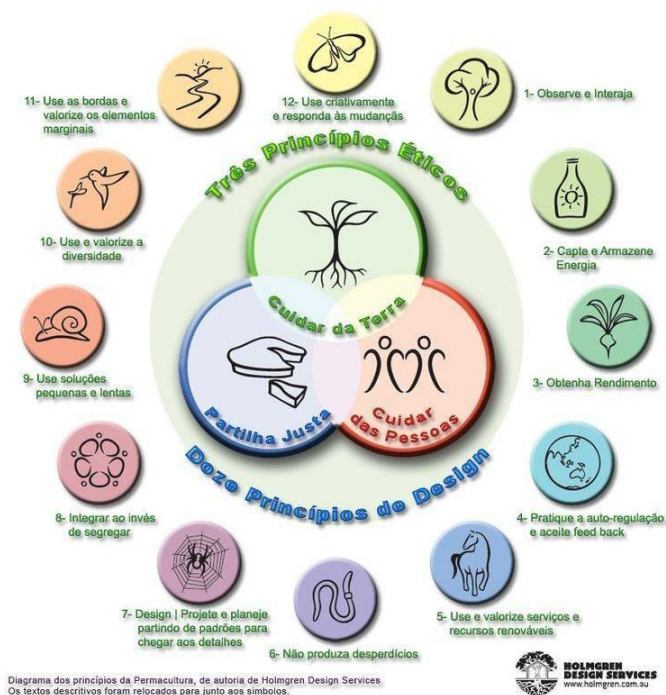


Fonte: Moraes *et al.* (2019, p.8)

Essa compreensão se amplia quando integrada aos princípios da permacultura, que orienta o desenho de sistemas baseados nos padrões e relações da Natureza. A permacultura, conforme definida por Bill Mollison e David Holmgren (1978), consiste em um sistema de planejamento e criação de ambientes humanos sustentáveis, que busca integrar harmoniosamente paisagem, pessoas, alimentos, energia e estruturas, de modo a atender às necessidades humanas sem comprometer os sistemas naturais. Posteriormente, Holmgren (2002) aprofunda essa abordagem ao estabelecer princípios de design baseados na observação dos ecossistemas, como o uso eficiente de recursos, a valorização da diversidade e o fechamento de ciclos.

Ao lado disso, o design biofílico, fundamentado no conceito de biofilia desenvolvido por Edward O. Wilson (1984), reconhece a afinidade inata dos seres humanos com os sistemas vivos, traduzindo essa relação em estratégias espaciais que promovem saúde, bem-estar e equilíbrio. Assim, ao integrar permacultura e biofilia, o espaço deixa de ser apenas funcional ou produtivo e passa a ser também sensorial, educativo e regenerativo.

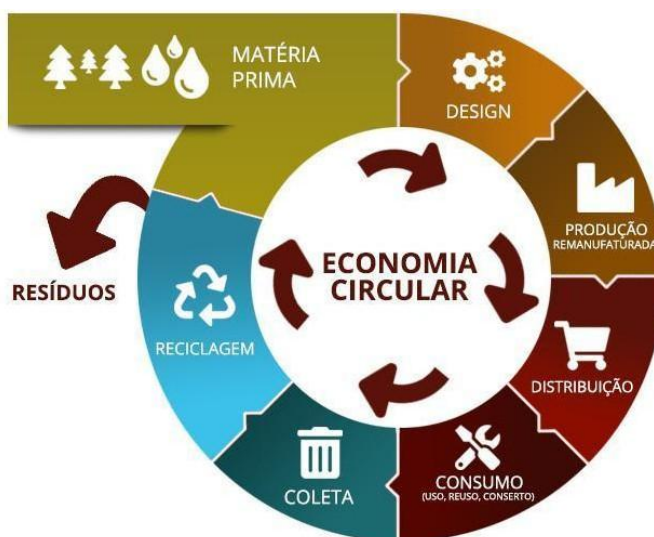
FIGURA 15 – Diagrama dos princípios da Permacultura.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/412220172126456088/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

Essa lógica de design também se articula com o conceito de economia circular, que propõe a substituição do modelo linear de produção (extrair, produzir, descartar) por sistemas regenerativos em que os resíduos se tornam insumos para novos ciclos. Segundo a Ellen MacArthur Foundation (2013), a economia circular baseia-se na eliminação do conceito de lixo, na manutenção de produtos e materiais em uso e na regeneração dos sistemas naturais. No contexto da Fazenda Malabar, essa abordagem se materializa, por exemplo, no ciclo da compostagem — onde resíduos orgânicos do restaurante retornam ao solo como nutrientes — e na integração entre produção, consumo e reaproveitamento, reforçando a lógica de fechamento de ciclos já presente na permacultura.

FIGURA 16 - Diagrama de economia circular aplicado a sistemas produtivos.



Fonte: TERRACO ECONÔMICO. Disponível em: <https://terracoekonomico.com.br/economia-circular-por-que-importa-e-onde-nos-levara/>. Acesso em: 29 mar. 2026.

Essa integração se materializa no programa de turismo de experiência baseado em imersões de curta e média duração, onde o visitante é convidado a habitar um território desenhado para educar pelos sentidos e pelas relações. Nesse contexto, o design biofílico atua como uma ponte sensível entre o ser humano e o ambiente, potencializando a experiência da permacultura ao criar espaços que despertam pertencimento e conexão. O visitante não apenas compreende racionalmente os princípios ecológicos, mas os vivencia de forma integrada.

Dessa forma, o espaço do case da Fazenda Malabar se configura como um agente pedagógico vivo, capaz não apenas de provocar transformações internas e ressignificar a relação entre ser humano e Natureza, mas também de estimular e formar agentes de transformação, que ampliam e multiplicam essas experiências em seus próprios contextos.

6.2 DIAGNÓSTICO

Atualmente, a Malabar já demonstra alinhamento com práticas agroecológicas e regenerativas, como: cultivo agroecológico através de sistemas agroflorestais, hortas e jardins, valorização da biodiversidade, infraestrutura ecológica (biodigestores, compostagem e boiler), conexão com a comunidade, fomento do consumo local e uma relação inicial com a Educação ambiental.

Esses elementos indicam que o território possui características essenciais de um sistema regenerativo e opera sob a lógica de cuidado com os ciclos naturais e com as relações humanas, o que constitui uma base sólida para desenvolver e aprofundar o turismo de experiência. Porém, em processo de integração, sistematização e intencionalidade ampliada. O desafio não está na essência do projeto — que é forte —, mas na estruturação sistêmica da experiência.

- Há prática → mas nem sempre estruturada como experiência
- Há valor → mas nem sempre comunicado
- Há potencial → mas ainda não plenamente articulado

É um momento de transição fértil: de um espaço que já pratica a regeneração para um território que pode potencializar, comunicar, ensinar e multiplicar essa regeneração através do turismo de experiência. O principal movimento necessário é passar da prática intuitiva para a experiência intencional.

Isso implica reconhecer que aquilo que já acontece no cotidiano da Fazenda — os cultivos, os manejos, as relações e os saberes — pode ser traduzido em jornadas conscientes de aprendizagem e sensibilização. É necessário estruturar percursos, narrativas e metodologias que tornem visível o valor dessas práticas, conectando visitantes não apenas ao fazer, mas ao sentido do que é feito.

Nesse contexto, identifica-se como público predominante os estudantes do Ensino

Fundamental I e II, considerando o alto potencial pedagógico do território para o desenvolvimento de atividades alinhadas à educação ambiental, à aprendizagem experiencial e às diretrizes da BNCC. Esse público apresenta grande abertura para vivências práticas, construção de vínculo com a Natureza e formação de valores, o que reforça a necessidade de estruturar experiências com intencionalidade educativa, linguagem acessível e metodologias participativas adequadas às diferentes faixas etárias.

Ao transformar vivências em experiências intencionais, a Malabar amplia sua capacidade de gerar impacto, pois passa a atuar de forma mais clara na formação de consciência, no fortalecimento de vínculos e no fomento de agentes de transformação. Assim, o turismo de experiência deixa de ser apenas uma oferta complementar e passa a se consolidar como uma estratégia integrada de regeneração — ecológica, educativa e relacional — capaz de irradiar seus efeitos para além do território.

Potencialidades

Alta capacidade de gerar experiências educativas autênticas.

- Potencial experiencial: possibilidade de criar jornadas imersivas completas
- Presença de biodiversidade e de elementos permaculturais como ativo pedagógico e turístico
- Produção orgânica integrada à experiência do visitante
- Infraestrutura compatível com: hospedagens ecológicas e experiências noturnas (céu, sons da Natureza, fogueira)

Pontos de atenção

- Ausência de protocolos de visitação: recepção, fluxo de visitantes, segurança e encerramento da experiência
- Ausência de equipe destinada à hospedaria e agendamento das visitas
- Fragilidade na construção de roteiros: atividades existem, mas não estão organizadas em narrativas, sequências pedagógicas e objetivos claros
- Número insuficiente de facilitadores: equipe atual não acompanha o potencial de crescimento da demanda, dificuldade em atender múltiplos grupos simultaneamente

e sobrecarga dos facilitadores existentes

- Ausência de capacitação dos facilitadores: educação experiencial, interpretação ambiental, condução de grupos e comunicação sensível
- Necessidade de prospectar e consolidar parcerias com escolas, agências de turismo e grupos de interesse.
- Ausência de indicadores claros: de regeneração ao longo do tempo, de biodiversidade e métricas de impacto das práticas que já acontecem e/ou aconteceram no território.

Nesse contexto, torna-se fundamental realizar a transição daquilo que já é vivido para aquilo que também é intencionalmente estruturado, comunicado e mensurado. Isso implica traduzir as práticas existentes em narrativas vivas de aprendizagem, capazes de revelar sentidos, processos e impactos, ao mesmo tempo em que se desenham roteiros experienciáveis, protocolos e fluxos que qualifiquem a jornada do visitante. Paralelamente, é necessário fortalecer a articulação com parceiros estratégicos, desenvolver uma comunicação coerente com os valores do território e estabelecer indicadores que permitam acompanhar, avaliar e dar visibilidade aos processos regenerativos ao longo do tempo. Assim, a Malabar amplia sua potência ao alinhar experiência, gestão e propósito, consolidando-se como um território que não apenas pratica, mas também demonstra, ensina e irradia regeneração de forma consciente e integrada.

6.3 PROPOSIÇÕES

A seguir, apresentamos um conjunto de ações e sugestões de atividades concretas, organizadas em 4 eixos temáticos que traduzem a dimensão ecológica em práticas implementáveis na Fazenda Malabar — articulando educação, experiência, gestão e regeneração do território.

Eixo 1: Educação para Regeneração

6.3.1 Criação do catálogo de roteiros

As experiências são organizadas em módulos integrados e todas contam com

hospedagem, um tema específico e uma atividade prática. A duração dos roteiros é de um dia (24h)

- **Aves e Biodiversidade**

hospedagem + observação + plantio de espécies atrativas

Esta atividade traz uma sugestão de aplicação, pois é o carro chefe do catálogo

O visitante deverá chegar no final da tarde (horário a ser definido), é importante ressaltar a pontualidade do check-in, uma vez que se trata de um grupo com até 20 pessoas. O grupo é recebido pelo anfitrião - que pode ser alguém do time da hospedaria ou o próprio facilitador da proposta - (necessário definir um local para recepção, se possível que seja coberto), que irá dar as boas-vindas, explicar o cronograma de atividades e conduzir o grupo para as instalações.

Na manhã seguinte, bem cedo (5h30 - 6h) o dia começa com a atividade de observação de aves, com duração de 3 a 4 horas. Até o almoço o visitante tem um intervalo para descansar, para higiene pessoal e passear livremente. Ao meio dia, o visitante almoça no restaurante Malabar e às 13h30 tem início a atividade de plantio com espécies que atraem aves - que encerra às 15h.

- Horário de check-in e checkout a serem definidos
- Caso todas as hospedagens sejam ocupadas em determinada data, considerar (inicialmente) um dia de intervalo entre um grupo e outro, para que possa haver tempo suficiente para limpar e organizar as hospedarias, e ainda, não sobrecarregar o facilitador.
- **Vivência Agroecológica**

hospedagem + tour + implantação prática

- Leitura da paisagem/tour: princípios básicos da agrofloresta, composição dos

- o canteiros, como formato dos canteiros agregam na paisagem
 - o Dinâmica: o que o espaço comunica?
 - o Práticas: implementação de espiral de ervas, mini horta mandala ou canteiros consorciados
- **Água no Sistema**

hospedagem + tour + atividade demonstrativa

- o Leitura da paisagem/tour: relevos, cursos d'água, bacias hidrográficas, nascentes, tipos de rochas/ solos, lençol freático
 - o Dinâmica: “como nasce um rio?”
 - o Práticas: demonstração da infiltração da água em solo coberto com plantas/ matéria orgânica e descoberto; reconhecimento de nascentes e mata ciliar, análise de água.
- **Do Mato ao Prato**

hospedagem + tour + atividade prática

- o Leitura da paisagem/tour: espaços de produção de alimentos, calendário sazonal
 - o Dinâmica: de onde vem o que eu como?
 - o Práticas: Plantio → compostagem → colheita → preparo com alimentos da horta e atividade de identificação e preparo de PANCs
- **Natulier (Arte e Natureza)**

hospedagem + tour + atividade prática

- o Leitura da paisagem/tour: espaços de produção plantas/minerais que servem para o atelier

- Práticas: Pigmentos naturais, jardinagem criativa - plantando materiais
- Oficinas com reciclados (ex: cúpula para luminária de papel machê feito com caixa de ovos da granja)

6.3.2 Estrutura pedagógica dos roteiros (padrão replicável)

Cada roteiro deve conter:

- **Recepção**
 - acolhimento + intenção da experiência
 - apresentação do cronograma
- **Pontos de parada (estações de aprendizagem)**
 - conteúdos-chave (fala dos facilitadores)
 - interação prática
- **Tempo estimado**
 - divisão clara por atividade
- **Materiais necessários**
 - ferramentas, insumos, recursos pedagógicos
- **Encerramento**
 - integração no empório + reflexão final (check out)
- **Avaliação da Experiência**

- pesquisa de satisfação

6.3.3 Materiais de Apoio

- Guias impressos simples (digitais - vídeos)
- Livros informativos (Árvores brasileiras, PANCS, Guia de Aves)
- Placas informativas no território
- Mapas da propriedade com leitura ecológica

Eixo 2: Comunicação, Gestão de experiências e Fluxos (organização, encantamento e continuidade da relação)

1. Comunicação e divulgação

- Criação de:
 - catálogo digital de roteiros
 - materiais visuais (fotos, vídeos curtos)
 - narrativa da experiência (propósito ecológico)
 - redes sociais

2. Gestão de atendimento

- Implantar WhatsApp Business:
 - mensagens automáticas
 - envio de roteiros
 - orientações pré-visita
 - instruções de como chegar na Malabar
- Jornada do visitante
 - antes: preparação (o que levar, o que esperar)

- durante: acompanhamento guiado
- depois: avaliação + vínculo contínuo

3. Estrutura de formulários

- **Formulário de inscrição/reserva**
 - dados pessoais
 - termo de responsabilidade
 - isenção de responsabilidade civil
- **Formulário pós - experiência**
 - avaliação da vivência
 - aprendizados
 - sugestões

4. Integração do empório

- Encerrar todos os roteiros no empório
- Conectar produtos com a experiência vivida:
 - alimentos
 - mudas
 - produtos artesanais

Eixo 3: Hospitalidade e Operação (cuidado com o espaço, com as pessoas e com os fluxos internos)

1. Definição de papéis

- **Recepção de hóspedes**
 - responsável pelo acolhimento e apresentação inicial

- **Facilitadores**

- condução das vivências

- **Equipe de apoio**

- organização dos espaços
- limpeza pós-uso

2. Protocolos operacionais

- Check-in / check-out
- Preparação dos espaços antes da chegada
- Limpeza ecológica (produtos naturais, baixo impacto)
- Lista de verificação pós-estadia

3. Experiência da hospedaria

- Integração com:
 - alimentação local
 - rotina da fazenda

Eixo 4: Oficinas e Cursos Imersivos (aprofundamento e geração de renda)

O objetivo é criar novos elementos permaculturais por meio de oficinas e cursos com facilitadores e público pagante

1. Cursos de curta duração (1 - 2 dias)

Água o Sistema

- Sistema de captação de água da chuva
 - usos: irrigação, limpeza, tanque de peixes (aquaponia)

- Tratamento de águas cinzas:
 - BETs
 - círculo de bananeiras
 - jardins filtrantes

Agroecossistemas

- Espiral de ervas
 - criação de microclimas, plantas companheiras, plantas medicinais

Canteiros agroflorestais

- princípios agroflorestais: estratificação, ciclo de vida, espaçamento, sucessão natural
- planejamento de consórcio
- viabilidade econômica

Abelhas Nativas (Jataí, Uruçu - Amarela, Mirim)

- Observação e compreensão do universo das abelhas nativas sem ferrão
 - caixa didática - acrílico (que permite observar os módulos: ninho, sobre ninho, melgueira - operárias e rainha)
 - produtos da colméia: mel, própolis, cera, saburá, geoprópolis, pólen e seus benefícios
 - confecção de iscas ou hotel de insetos (abelha solitárias, vespas) e distribuição na Fazenda ou para levar consigo

Mini Estação Meteorológica (com foco em escolas - conexão com BNCC)

- Compreensão e confecção de medidores do clima
 - relógio solar
 - biruta
 - medição em pluviômetro
 - medição em higrômetro

2. Cursos imersivos (3 - 5 dias)

- **Introdução à agrofloresta**
 - princípios básicos (teórico)
 - implementação de área (talhão) com foco em técnicas
 - viabilidade econômica e planejamento financeiro

- **Podas e manejo**
 - Tipos de manejo: capina seletiva, adubação orgânica
 - podas de limpeza e poda pulsão

- **Bioconstrução**
 - banheiro seco
 - estrutura para viveiro de mudas
 - sala de aula

Sugestão de Cronograma de Aplicação

Estratégia

Curto prazo = experimentar com consciência

Médio prazo = consolidar o que funciona + expandir com base real

Longo prazo = escalar com identidade e consistência

Curto Prazo (0 – 5 meses)

Foco: estruturação + testes + base operacional + formação inicial da equipe

Eixo 1 – Educação para Regeneração

- Estruturar 2 roteiros piloto prioritários:

- Aves e biodiversidade (carro-chefe)
- Vivência agroecológica

- Criar modelo padrão de roteiro replicável:
 - recepção
 - estações de aprendizagem
 - tempos definidos
 - encerramento + avaliação

- Definir materiais necessários por atividade

Teste dos roteiros piloto

- Realizar rodadas de teste com grupos reais (escolas/pilotos reduzidos)

- Avaliar:
 - fluxo das atividades
 - tempo real x planejado
 - engajamento dos participantes
 - atuação dos facilitadores

- Ajustar continuamente os roteiros com base nas experiências

Realização de FAMTOUR (viagem de familiarização)

Organizar uma ou mais edições de famtour com convidados estratégicos, como educadores, agentes de turismo, parceiros institucionais e possíveis divulgadores, com o objetivo de vivenciar os roteiros piloto na prática. A famtour deve ser estruturada como uma experiência real, seguindo o fluxo completo do visitante (antes, durante e depois), permitindo testar não apenas as atividades, mas também a comunicação, recepção,

condução e encerramento.

Durante a famtour, é fundamental coletar feedback qualificado por meio de observação direta e formulários estruturados, avaliando aspectos como nível de engajamento, clareza das propostas, potencial transformador da experiência e percepção de valor. Além disso, a famtour contribui para a geração de conteúdos (imagens, vídeos, depoimentos) e para a construção de uma rede inicial de parceiros e divulgadores alinhados ao propósito da Fazenda Malabar.

Essa etapa funciona como um laboratório estratégico, permitindo ajustes finos antes da abertura ao público em maior escala, aumentando a consistência, a qualidade e o posicionamento do projeto no mercado.

Eixo 2 – Comunicação e Gestão

- Criar:
 - catálogo simples (PDF inicial)
 - descrição clara dos roteiros

- Implantar WhatsApp Business:
 - mensagens automáticas
 - orientações pré-visita

- Estruturar:
 - formulário de inscrição
 - formulário pós-experiência

Eixo 3 – Hospitalidade e Operação

- Contratar ou definir 1 pessoa responsável pela hospedaria

Responsabilidades:

- Preparação das acomodações antes da chegada
- Recepção inicial (apoio ao acolhimento)
- Organização e limpeza pós-estadia

- Garantia da qualidade da experiência de hospedagem

- Definir papéis mínimos:
 - recepção/agendamento
 - facilitadores
 - apoio

- Criar protocolos básicos:
 - check-in / check-out
 - preparação dos espaços
 - limpeza

- Definir:
 - capacidade inicial de visitantes
 - intervalo entre grupos

Eixo Transversal – Facilitadores

Recrutamento

- Selecionar ao menos 2 novos facilitadores

Formação inicial (0–3 meses)

- Vivência prática dos roteiros
- Acompanhamento (sombra)
- Treino de condução
- Introdução à educação experiencial

Resultado esperado do curto prazo:

- 2 roteiros testados e ajustados
- +2 facilitadores em atuação inicial
- 2 meses de testes dos facilitadores em ação com grupos pilotos
- Operação básica funcionando com qualidade

Médio Prazo (5 – 12 meses)

Foco: consolidação + expansão estruturada + consistência pedagógica

Eixo 1 – Educação

Consolidação dos roteiros piloto

Refinar os roteiros testados com base nos aprendizados

- Padronizar:
 - tempos
 - falas
 - materiais
- Tornar os roteiros replicáveis e consistentes

Desenvolvimento de novos pilotos

- Criar e iniciar teste de +2 roteiros piloto:
 - Água no sistema
 - Do mato ao prato (ou Natulier)

Materiais pedagógicos

- Guias simples (digitais ou impressos)
- Mapas ecológicos
- Placas interpretativas

Eixo 2 – Comunicação e Gestão

- Desenvolver narrativa institucional clara
- Produção contínua de conteúdo (foto/vídeo)
- Estruturar jornada completa do visitante
- Iniciar e consolidar parcerias:
 - escolas
 - agências

Eixo 3 – Operação

- Treinar continuamente facilitadores
- Criar check-lists operacionais completos
- Estruturar função dedicada à hospedaria

Eixo 4 – Oficinas (planejamento)

- Planejar cursos curtos:
 - espiral de ervas
 - abelhas nativas
 - água no sistema

Resultado esperado do médio prazo:

- 2 roteiros consolidados e escaláveis
- 2 novos roteiros em fase de teste
- Equipe mais preparada e menos sobrecarregada
- Início de diversificação de receitas

Longo Prazo (12 – 24 meses)

Foco: escala, profundidade e posicionamento como referência

- Consolidar catálogo completo
- Estruturar programas recorrentes para escolas
- Ampliar equipe de facilitadores
- Oferecer cursos imersivos (3–5 dias)
- Implementar infraestruturas regenerativas adicionais
- Fortalecer posicionamento institucional

6.4 MÉTRICAS

A mensuração dos resultados na Fazenda Malabar deve acompanhar de forma integrada o desenvolvimento da experiência, da operação e do impacto regenerativo ao longo do tempo, permitindo não apenas avaliar desempenho, mas orientar decisões e qualificar continuamente as práticas. Nesse sentido, alguns indicadores centrais passam a ser fundamentais.

No que diz respeito à experiência do visitante, é essencial acompanhar o número de visitantes atendidos por mês, a taxa de ocupação das hospedagens e a frequência de realização dos roteiros, observando especialmente a evolução dos roteiros piloto ao longo do tempo. A qualidade da experiência pode ser mensurada por meio de avaliações pós-visita, utilizando notas de satisfação geral, percepção de aprendizado, nível de engajamento nas atividades e a probabilidade de recomendação da experiência a outras pessoas. Também é relevante observar indicadores qualitativos, como relatos espontâneos de transformação, palavras recorrentes nas avaliações e o nível de conexão estabelecido com o território.

A eficiência dos roteiros e da operação pode ser avaliada a partir da comparação entre o planejamento e a execução: tempo previsto x tempo real das atividades, fluidez do cronograma, necessidade de ajustes e capacidade de manter uma narrativa coerente ao longo da experiência. A taxa de retrabalho nos roteiros piloto e o número de ajustes realizados após cada aplicação também são indicadores importantes do processo de prototipagem e amadurecimento das experiências.

No campo da gestão e da comunicação, torna-se fundamental acompanhar o volume de contatos recebidos, o tempo de resposta ao cliente, a taxa de conversão entre interessados e visitantes efetivos, bem como a organização dos agendamentos. A continuidade da relação pode ser medida pela porcentagem de visitantes que retornam,

mantêm contato após a visita ou demonstram interesse em novas experiências. O desempenho da comunicação também pode ser observado pelo crescimento do alcance dos canais digitais, engajamento em conteúdos e fortalecimento de parcerias com escolas, grupos e instituições.

Em relação à operação interna, indicadores como a clareza na definição de papéis, o cumprimento dos protocolos de check-in e check-out, o tempo necessário para preparação e limpeza dos espaços e a incidência de falhas operacionais ajudam a compreender o nível de organização do sistema. A presença de uma pessoa dedicada ao atendimento e outra à hospedaria deve refletir na redução de sobrecarga dos facilitadores, na melhoria da experiência do visitante e na maior fluidez dos processos.

O desenvolvimento da equipe é outro eixo central de mensuração. Deve-se acompanhar o número de facilitadores ativos, a proporção entre facilitadores e visitantes, o número de facilitadores em formação e as horas dedicadas à capacitação. A avaliação dos facilitadores pelos próprios visitantes também fornece um indicador direto da qualidade da condução das experiências. Além disso, a capacidade de atender mais de um grupo simultaneamente, sem perda de qualidade, torna-se um indicador-chave de maturidade operacional.

Por fim, no que se refere ao impacto ecológico e regenerativo, é importante monitorar elementos concretos como o número de mudas plantadas nas atividades, a taxa de sobrevivência dessas plantas, o volume de resíduos orgânicos compostados, a redução de rejeitos enviados para descarte externo e a presença e diversidade de espécies observadas no território, especialmente aves. Ao longo do tempo, esses indicadores podem evoluir para métricas mais robustas, como aumento da cobertura vegetal, melhoria da qualidade do solo e da água e fortalecimento da biodiversidade local.

Assim, a mensuração dos resultados na Fazenda Malabar deve ser compreendida como um processo vivo, que articula dados quantitativos e qualitativos para sustentar a evolução do projeto. Mais do que controlar, esses indicadores permitem aprender com a prática, ajustar caminhos e dar visibilidade ao impacto gerado, fortalecendo a coerência entre experiência, gestão e regeneração do território.

7 DIMENSÃO SOCIAL

7.1 DESCRIÇÃO

A Dimensão Social busca integrar diferentes aspectos da experiência humana na construção de processos de transição para sociedades mais sustentáveis e regenerativas, abordando as formas como os seres humanos se organizam, se relacionam e tomam decisões coletivas.

No contexto de iniciativas territoriais como a Fazenda Malabar, as práticas e vivências ambientais estão intrinsecamente ligadas à qualidade das relações humanas que as sustentam.

Nesse cenário, três aspectos se mostram fundamentais:

- O primeiro é o reconhecimento da **interdependência**. A construção de comunidades regenerativas depende da capacidade de fortalecer vínculos baseados em cooperação, responsabilidade compartilhada e participação ativa. Em oposição a modelos sociais marcados pelo individualismo, essa perspectiva convida ao desenvolvimento de uma consciência de pertencimento e corresponsabilidade.
- O segundo aspecto refere-se à **comunicação e aos processos de governança**. Em sistemas sociais complexos, com múltiplos atores e interesses, torna-se essencial criar espaços de escuta, alinhamento e tomada de decisão que sustentem relações mais transparentes, colaborativas e adaptativas.
- Por fim, destaca-se a **experiência coletiva como espaço de aprendizagem**. Em territórios vivos, como a Fazenda Malabar, aprender não se restringe à transmissão de conteúdo, mas acontece nas interações, nas vivências e nos significados construídos em conjunto. Assim, visitantes, educadores e colaboradores podem atuar como participantes ativos de um processo compartilhado de aprendizagem e transformação.

7.2 DIAGNÓSTICO

A Fazenda Malabar já apresenta elementos importantes que configuram uma base social ativa e em desenvolvimento. O território envolve diferentes atores: proprietários, colaboradores, parceiros, visitantes e potenciais instituições parceiras, que se relacionam

de formas diversas e com distintos níveis de envolvimento.

Essa diversidade revela tanto a riqueza quanto a complexidade do sistema social presente na fazenda. Ainda que muitas dessas relações não estejam formalizadas, já existe um campo relacional ativo, no qual práticas educativas, experiências com visitantes e trocas entre os envolvidos vêm sendo construídas. Ao mesmo tempo, esse momento evidencia algumas oportunidades de fortalecimento.

Observa-se a necessidade de maior **clareza e alinhamento de propósito** entre os diferentes participantes do projeto, especialmente à medida que a fazenda amplia suas frentes de atuação. Da mesma forma, processos **de comunicação e feedback** ainda podem ser desenvolvidos de maneira mais intencional, favorecendo escuta ativa, ajuste contínuo e prevenção de conflitos.

Outro ponto relevante diz respeito à **participação dos visitantes**. Embora a fazenda já ofereça experiências com potencial educativo, há espaço para aprofundar o envolvimento dos participantes, transformando a visita em um processo mais interativo, reflexivo e relacional.

Por fim, destaca-se a oportunidade de ampliar a dimensão de inclusão e impacto social, especialmente por meio de parcerias com escolas, instituições locais e iniciativas voltadas à comunidade do entorno.

MAPA 3 – Escolas no município de Itatiba-SP



Fonte: Google Maps

De forma geral, a Fazenda Malabar já opera como um sistema social vivo, mas ainda pode fortalecer suas estruturas de comunicação, participação e construção coletiva de sentido.

Nesse contexto, foi realizado um mapeamento preliminar das instituições de ensino no entorno da Fazenda Malabar, evidenciando o potencial de articulação com a rede educacional regional. Esse levantamento reforça não apenas a viabilidade de parcerias que ampliem o alcance das ações educativas e o impacto social do território, mas também aponta para uma estratégia central de sustentabilidade: a inclusão intencional da rede privada como fonte de geração de receita, capaz de viabilizar e subsidiar o acesso de escolas públicas e de outros grupos com menor acesso a esse tipo de experiência.

A análise das escolas privadas com atuação no **Ensino Fundamental I e II** nas cidades de Campinas, Valinhos, Vinhedo, Itatiba e Morungaba revela um conjunto estratégico de instituições com alto potencial de parceria, especialmente aquelas **de alto padrão** e com propostas pedagógicas alinhadas à formação integral.

- Campinas, destacam-se o Colégio Pio XII, o Colégio Dom Barreto e o Progresso Bilíngue;
- Valinhos, o Colégio Visconde de Porto Seguro, o Colégio Inovati e o Colégio Etapa;
- Vinhedo, o Colégio Sant'Anna, o Progresso Bilíngue e o Colégio Beneditino;
- Itatiba, o Colégio Anglo, o Colégio Bom Jesus e o Colégio Next;
- Morungaba, o Colégio Objetivo, a Escola Vida Nova e o Colégio Prisma — todas com oferta consolidada nos anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Esse cenário indica um público consistente e aderente à proposta da Fazenda Malabar, que se posiciona como um espaço de aprendizagem viva, integrando agroecologia, leitura da paisagem, observação da biodiversidade e vivências sensoriais. A construção dessas parcerias pode se dar não apenas por meio de visitas pontuais, mas como parte de programas contínuos de educação experiencial, fortalecendo vínculos entre escola, território e natureza, ao mesmo tempo em que estrutura um modelo mais inclusivo e sustentável.

Nesse sentido, a adoção de um modelo de subsídio cruzado se apresenta como uma estratégia potente para ampliar o impacto social: as visitas de escolas particulares podem financiar, total ou parcialmente, a participação de escolas públicas, por meio de fundos de bolsas, cotas solidárias e parcerias com empresas e institutos. Ao comunicar de forma clara

que cada visita contribui para ampliar o acesso de outros estudantes, fortalece-se uma rede de co-responsabilidade, garantindo sustentabilidade financeira e promovendo maior equidade no acesso a experiências educativas transformadoras junto à natureza.

7.3 PROPOSIÇÕES

As proposições para a dimensão social buscam fortalecer a qualidade das relações, a participação e o aprendizado coletivo no território, a partir de práticas simples, porém consistentes, que podem ser implementadas de forma gradual.

1. Um primeiro eixo diz respeito ao fortalecimento da **comunicação e da cultura de feedback**. Para além da transmissão de informações, a comunicação pode ser compreendida como um espaço de construção de confiança e alinhamento. Nesse sentido, a criação de momentos regulares de escuta (tanto entre a equipe quanto com visitantes) pode contribuir para o aprimoramento contínuo das práticas.

Uma dinâmica simples que pode ser incorporada é a *rosa do feedback*, aplicada ao final das experiências. Nela, os participantes compartilham aspectos positivos (flores), desafios ou desconfortos (espinhos) e possibilidades futuras (brotos). Essa estrutura favorece uma escuta mais equilibrada e fortalece uma cultura de aprendizado coletivo.

2. Outro eixo importante refere-se à qualidade da experiência dos visitantes, que pode ser aprofundada a partir de abordagens mais participativas. Em vez de ocuparem apenas o papel de observadores, os visitantes podem ser convidados a se envolver ativamente nas vivências, por meio de perguntas, interações e momentos de troca.

Nesse contexto, práticas inspiradas em jogos de conexão com a natureza podem ser incorporadas. Um exemplo é a atividade de *“sentar e observar”*, em que os participantes permanecem em silêncio por alguns minutos em um ponto da paisagem, direcionando a atenção aos sons, movimentos e presenças ao redor. Ao final, uma roda de partilha permite integrar a experiência, estimulando percepção sensorial, vínculo com o ambiente e aprendizagem ecológica.

- Um terceiro eixo diz respeito ao fortalecimento da governança participativa. À medida que o projeto se desenvolve, torna-se importante estruturar processos simples de tomada de decisão, que integrem diferentes perspectivas e níveis de atuação. Isso pode incluir a definição de espaços mais estratégicos, operacionais e colaborativos, bem como a adoção de práticas como reuniões com facilitação rotativa e construção de acordos coletivos.

Uma possibilidade prática é a realização de **encontros periódicos de gestão**, nos quais a equipe se reúne para alinhar prioridades, compartilhar percepções do cotidiano e tomar decisões conjuntas. Nesses encontros, a facilitação pode ser alternada entre os participantes, e as decisões podem ser orientadas por perguntas simples, como: *o que estamos percebendo no território? o que precisa de atenção neste momento? e quais são os próximos passos possíveis?* Esse tipo de espaço contribui para distribuir responsabilidades, aumentar a transparência e fortalecer o senso de coautoria no projeto.

Nesse contexto, o uso de metodologias participativas pode fortalecer ainda mais os processos de governança. Uma possibilidade é a aplicação do *Dragon Dreaming* como ferramenta estruturante para o desenvolvimento do projeto. Essa abordagem organiza os processos coletivos em quatro dimensões — sonhar, planejar, realizar e celebrar — integrando propósito, estratégia, ação e aprendizagem.



Para além de sua estrutura metodológica, o *Dragon Dreaming* convida a uma escuta mais profunda do território, buscando perceber o que já está vivo e pulsante, o que se encontra em desequilíbrio e o que está latente, aguardando condições para emergir. Essa perspectiva amplia a tomada de decisão ao integrar não apenas aspectos operacionais, mas também dimensões sensíveis, relacionais e contextuais do sistema.

Na prática, essa lógica pode ser incorporada tanto na gestão quanto nas experiências da fazenda. Reuniões de equipe podem incluir momentos de escuta de propósito (sonhar), definição de caminhos (planejar), organização das ações

(realizar) e reflexão sobre os aprendizados (celebrar). Da mesma forma, atividades com visitantes podem seguir esse fluxo, transformando vivências pontuais em experiências mais completas, participativas e significativas.

Ao longo do processo, sonhar dá direção, planejar dá forma, realizar dá vida e celebrar dá sentido.

4. Por fim, destaca-se a importância de ampliar a dimensão formativa e inclusiva do território. A criação de programas contínuos pode fortalecer o vínculo com a comunidade local e ampliar o impacto social da fazenda.

Nesse sentido, propõe-se o desenvolvimento da iniciativa **Guardiões do Território**, voltada especialmente para jovens da região. O programa pode envolver encontros periódicos na fazenda, com participação em atividades práticas (como plantio, manejo e observação da biodiversidade), rodas de conversa sobre território e sustentabilidade e o desenvolvimento de pequenos projetos.

A partir do mapeamento realizado das instituições de ensino do entorno, esse programa pode ser articulado em parceria com escolas locais, criando uma ponte contínua entre o território da fazenda e os contextos educacionais da região. Essa conexão amplia o alcance das ações, fortalece vínculos comunitários e contribui para a formação de jovens mais conectados com questões socioambientais.

Nesse sentido, destaca-se também a importância de garantir a inclusão de públicos diversos, especialmente por meio do envolvimento de escolas públicas e da criação de mecanismos de acesso, como bolsas ou vagas destinadas a participantes em situação de maior vulnerabilidade. Essa abordagem contribui para ampliar o impacto social da iniciativa e promover maior equidade no acesso às experiências formativas.

Ao longo do tempo, a iniciativa pode formar multiplicadores e fortalecer redes locais de cuidado com o território.

7.4 MÉTRICAS

A avaliação da dimensão social pode ser realizada a partir de uma combinação de indicadores quantitativos e qualitativos, reconhecendo a complexidade e a natureza relacional dos processos envolvidos.

Do ponto de vista quantitativo, é possível acompanhar aspectos como:

- número de visitantes participantes de atividades interativas
- quantidade de parcerias com escolas e instituições
- frequência de encontros de equipe e espaços de feedback
- participação em programas formativos, como o Guardiões do Território

No entanto, considerando que muitos dos impactos são de natureza subjetiva e relacional, torna-se igualmente importante incorporar instrumentos qualitativos.

Nesse sentido, podem ser observados:

- nível de engajamento e pertencimento dos participantes
- qualidade das relações na equipe
- compreensão do propósito da fazenda por parte dos visitantes
- transformações percebidas nas experiências vividas

Ferramentas simples podem sustentar esse acompanhamento, como formulários de feedback, rodas de conversa, registros narrativos das experiências e processos de avaliação construídos coletivamente com a equipe.

Mais do que medir resultados de forma rígida, o acompanhamento pode ser entendido como parte de um processo contínuo de aprendizagem, permitindo ajustes e fortalecendo a coerência entre valores e práticas.

8 DIMENSÃO ECONÔMICA

8.1 DESCRIÇÃO

A economia na construção humana e, por isso, pode ser redesenhada — mas essa transformação exige antes de tudo uma mudança de consciência. O modelo dominante, estruturado sobre juros, crescimento contínuo e lucratividade como fins em si mesmos, produz concentração de renda, endividamento das populações mais pobres e um ritmo de exploração dos recursos naturais incompatível com os limites do planeta. Pensadores como Jameson (1993) e Žižek (2011) apontam que a naturalização dessa lógica é tão profunda que muitas vezes é mais fácil imaginar o colapso ambiental do que uma mudança estrutural no sistema econômico. No entanto, a teoria do equilíbrio sugere que sistemas aparentemente estáveis podem sofrer transformações rápidas em momentos de crise — e a pandemia demonstrou que essa possibilidade é real.

A forma como organizamos nossos sistemas econômicos revela, de maneira profunda, como nos relacionamos com a vida. Embora muitas vezes tratadas como áreas distintas, economia e ecologia compartilham a mesma raiz: *eco* ou *oikos*, que em grego significa “casa”. Enquanto a ecologia se dedica a compreender os sistemas vivos e suas inter-relações, a economia deveria, em sua essência, cuidar dessa mesma casa, organizando recursos e atividades humanas de forma coerente com os limites e ciclos da natureza.

No entanto, ao longo do tempo, essas duas dimensões foram sendo separadas. A economia moderna passou a operar de forma dissociada dos princípios ecológicos, priorizando crescimento, produtividade e lucro, muitas vezes à custa da degradação ambiental e do esgotamento dos recursos naturais. Essa desconexão revela não apenas uma crise ambiental, mas uma crise de percepção — uma forma de ver o mundo que nos coloca fora da teia da vida, em vez de parte integrante dela.

Na visão de Satish Kumar, a economia não pode existir fora da ecologia, pois depende completamente dos sistemas vivos para se sustentar. Assim, torna-se essencial reimaginar modelos econômicos que estejam enraizados no cuidado, na interdependência e no respeito aos ciclos naturais, reconhecendo que o bem-estar humano está intrinsecamente ligado à saúde do planeta.

O indicador central desse modelo, o PIB, é profundamente insuficiente: não

considera saúde ecológica, qualidade das relações sociais, bem-estar subjetivo nem distribuição da riqueza. Em resposta, surgiram propostas alternativas de prosperidade — o Índice de Progresso Genuíno, o IDH, o Happy Planet Index, a Felicidade Interna Bruta e, mais recentemente, a Economia do Donut de Kate Raworth, que propõe garantir bem-estar humano dentro dos limites ecológicos do planeta. Todas partem de uma premissa comum: o sucesso econômico deve ser avaliado pela capacidade de promover bem-estar, equilíbrio ecológico e relações sociais saudáveis. Nessa perspectiva, pensadores como John Fullerton propõem o design regenerativo como alternativa concreta, em que a riqueza passa a abranger múltiplos capitais — natural, social, cultural, experiencial e financeiro.

Diante dos limites ecológicos já reconhecidos, não basta reduzir impactos negativos: é preciso desenvolver formas de economia capazes de regenerar os sistemas dos quais dependemos. Os empreendimentos regenerativos deixam de se ver como agentes isolados e passam a se reconhecer como parte de sistemas interdependentes, conectados a territórios, comunidades e ecossistemas. Novos modelos emergem nesse campo — consumo colaborativo, relações P2P, cooperativas de plataformas e moedas comunitárias — todos expressando um princípio comum: governança coletiva, participação distribuída e gestão compartilhada dos bens comuns, conceito formulado por Michel Bauwens e aprofundado empiricamente por Elinor Ostrom.

Dessa forma, este trabalho parte da compreensão de que integrar economia e ecologia não é apenas uma escolha teórica, mas uma necessidade prática e urgente. Ao reconectar essas duas dimensões, abre-se espaço para a construção de sistemas mais regenerativos, conscientes e alinhados com a continuidade da vida, tanto em nível individual quanto coletivo.

8.2 DIAGNÓSTICO

A Fazenda Malabar emerge como uma resposta concreta e integrada a essa necessidade de transformação econômica. Posicionada como um espaço de turismo de experiência, educação ambiental e regeneração ecológica, ela traduz em prática os princípios de uma economia que vai além da lógica tradicional de extração e acúmulo.

A estrutura já existente da fazenda — com hospedaria, restaurante orgânico, granja e áreas de produção agroecológica — permite a integração de diferentes fluxos de geração de renda em torno de um eixo comum: a experiência educativa e ecológica. As visitas

podem ser organizadas em diferentes formatos, como programas de um dia, finais de semana ou imersões mais longas, permitindo diferentes níveis de engajamento e diversas possibilidades de receita.

Em termos de economia circular (Ellen MacArthur Foundation), a fazenda pode substituir a lógica linear de extrair, produzir e descartar por ciclos fechados e uso eficiente de recursos. O resíduo orgânico do restaurante retorna como adubo para as hortas; a água é tratada localmente; a energia é gerada de forma renovável; o esterco da granja alimenta sistemas de compostagem ou biodigestores. Cada elemento interno se conecta aos demais, reduzindo dependências externas e custos operacionais.

Nesse sentido, a fazenda se torna um laboratório vivo de regeneração, no qual o visitante não apenas consome um serviço, mas participa de um sistema restaurativo. Experiências como vivências na horta agroecológica, colheita para o próprio jantar, oficinas de compostagem, observação de aves e imersões em permacultura transformam o visitante em co-criador — e não apenas em consumidor.

Ao integrar hospedagem ecológica, produção de alimentos e conservação ambiental, a Fazenda Malabar funciona também como um espaço de alfabetização ecológica aplicada (Fritjof Capra), no qual jovens e adultos reconectam-se aos ciclos naturais e compreendem, na prática, que a economia humana está inserida na biosfera, e não acima dela.

8.2.1 Estratégias, Métricas e Caminhos para a Viabilidade

Para que esse modelo se torne economicamente viável e socialmente robusto, algumas estratégias estruturantes merecem atenção. A primeira diz respeito à relocalização econômica: priorizar fornecedores locais, estabelecer parcerias com produtores da região, criar feiras mensais na fazenda e desenvolver um modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) são formas de fortalecer a rede de apoio territorial e ao mesmo tempo construir uma narrativa autêntica de impacto.

A segunda estratégia envolve o desenvolvimento de um programa estruturado de educação ambiental voltado para escolas. Com metas claras — como estabelecer parcerias com ao menos dez escolas ou instituições de educação ambiental até 2027 e criar um roteiro estruturado de observação da avifauna até 2026 —, a fazenda pode consolidar esse programa como uma fonte regular de receita e impacto. A participação de biólogos, zoológicos e educadores ambientais especialistas amplia o valor educativo e científico das

experiências. O estabelecimento de ao menos três parcerias com pesquisadores ou instituições acadêmicas reforça a credibilidade do projeto.

A terceira estratégia diz respeito ao financiamento alinhado com os valores do projeto. Em vez de crescimento por endividamento agressivo, a fazenda pode buscar investidores de impacto, explorar editais e fundos verdes.

A lógica da Economia do Donut, de Kate Raworth, pode ainda orientar o desenho pedagógico do programa educativo, mostrando a estudantes que produção de alimentos, turismo e conservação ambiental podem coexistir dentro de um "espaço seguro e justo" para sociedade e Natureza — e que esse equilíbrio não é apenas desejável, mas possível.

8.3 PROPOSIÇÕES

A seguir, apresentamos um conjunto de ações concretas organizadas em cinco eixos temáticos e outro específico para o Restaurante Malabar, que traduzem os princípios da dimensão econômica em iniciativas implementáveis pela Fazenda Malabar.

1. Geração de renda e modelo de negócio

- Criar pacotes de imersão de 3 a 5 dias com experiências agroecológicas, observação de aves e gastronomia orgânica, posicionando a fazenda como destino de turismo de experiência de alto valor agregado.
- Desenvolver programas de visitas educativas para escolas em formatos de 1 dia (24h), fim de semana ou feriado, integrando hospedaria, restaurante e atividades pedagógicas no território.
- Oferecer oficinas pagas de compostagem, permacultura e alimentação consciente abertas ao público geral, transformando o visitante em cocriador da experiência.
- Estruturar roteiro de observação da avifauna conduzido por biólogos ou zoólogos, voltado a ecoturistas e pesquisadores interessados em biodiversidade local.

2. Economia circular e eficiência operacional

- Implantar compostagem dos resíduos orgânicos do restaurante para uso como adubo nas hortas internas, fechando o ciclo de nutrientes dentro do próprio território.

- Instalar captação de água da chuva e bacias de evapotranspiração para tratamento local da água cinza, reduzindo a dependência de fontes externas.
- Implementar energia solar para áreas comuns da hospedaria e do restaurante, reduzindo custos fixos e ampliando a autonomia energética da fazenda.
- Criar biodigestor ou sistema de compostagem para o esterco da granja, gerando insumos orgânicos internos e reduzindo o custo com fertilizantes externos.

3. Relocalização econômica e parcerias

- Priorizar fornecedores locais da região de Itatiba para insumos do restaurante e da hospedaria, fortalecendo cadeias curtas e a rastreabilidade dos produtos.
- Organizar feiras mensais na fazenda com produtores locais, ampliando o fluxo de visitantes e fortalecendo a economia do entorno.
- Criar um modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) para entrega de cestas orgânicas a assinantes, gerando receita recorrente e vínculo comunitário.
- Firmar parcerias com secretarias de educação municipais de Itatiba, Morungaba, Jarinu e Jundiá para viabilizar visitas de escolas públicas, ampliando o alcance social e o impacto educativo do projeto.

4. Ciência, conhecimento e indicadores

- Estabelecer parcerias com universidades e pesquisadores, usando a fazenda como campo de estudo da biodiversidade e das práticas regenerativas, ampliando a credibilidade científica do projeto.
- Monitorar e registrar sistematicamente a avifauna local ao longo do tempo, utilizando os dados como indicador de saúde ecológica e como ativo de comunicação do projeto.
- Adotar indicadores de prosperidade que vão além do lucro: saúde do solo, satisfação dos visitantes, geração de renda local, redução de resíduos e número de estudantes atendidos anualmente.
- Produzir um relatório anual de impacto regenerativo abrangendo os múltiplos capitais do projeto — natural, social, cultural e financeiro — como instrumento de transparência e captação de recursos.

5. Financiamento e estrutura jurídica

- Buscar investidores de impacto e explorar editais de fundos verdes e de economia criativa, alinhando as fontes de financiamento aos valores regenerativos do projeto.
- Avaliar a adoção de estrutura jurídica como cooperativa ou empresa social, alinhando governança, propósito e participação democrática dos envolvidos no projeto.
- Crescer de forma orgânica e modular, evitando o endividamento agressivo e preservando a resiliência financeira.
- Buscar certificações ambientais que ampliem a credibilidade, o acesso a nichos de turismo consciente e a diferenciação competitiva no mercado.

6. Malabar Restaurante e Café

O Malabar Restaurante e Café não é apenas um serviço de apoio à fazenda — ele já é um rosto público do projeto, o espaço onde a dimensão econômica, cultural, educativa e comunitária se encontram fisicamente. Potencializá-lo é potencializar toda a dimensão econômica do *case*.

Está localizado na casa onde funcionou a Escola Malabar, transformada em 2020 em ponto de encontro pela família do primeiro proprietário. A cozinha é 100% vegetal, feita com ingredientes orgânicos de pequenos produtores e fazendas da região. O espaço já promove eventos culturais mensais em parceria com artistas, músicos e produtores locais. Esse contexto abre uma camada nova de possibilidades.

- **Gastronomia como conteúdo educativo.** O fato de a cozinha ser 100% vegetal e orgânica transforma cada refeição em uma aula aplicada. As visitas educativas de escolas podem incluir um encerramento no restaurante onde os alunos comem o que viram ser produzido na horta. Rodas de conversa sobre alimentação consciente, sazonalidade e origem dos alimentos podem acontecer naturalmente no espaço — com o cardápio como material pedagógico.
- **Vila cultural e economia criativa.** O restaurante já promove eventos

culturais mensais com artistas, músicos e produtores locais. Isso pode ser estruturado como uma programação regular — feiras de produtores, shows acústicos, contação de histórias, exposições de artistas da região — transformando o espaço em polo de economia criativa local e ampliando o fluxo de visitantes em dias que não seriam naturalmente movimentados.

- **Memória viva como ativo pedagógico.** Em 4 décadas de existência, cerca de mil moradores da fazenda e da região tiveram a oportunidade de estudar na Escola Malabar, cuja história está presente nas paredes da casa. Isso é um ativo raro: o espaço carrega memória afetiva de toda uma região. Rodas de memória com ex-alunos, exposições fotográficas e projetos de história oral com escolas podem conectar gerações e fortalecer o vínculo comunitário — e ao mesmo tempo atrair visitantes interessados nessa narrativa única.
- **Empório como canal de realocização econômica.** O empório comercializa produtos artesanais da fazenda e da região, especialmente escolhidos pelos colaboradores locais, com o lema "vender o que também gostamos de comer, buscando sempre conhecer quem faz e como faz." Isso já é, na prática, um mecanismo de realocização econômica. Pode ser formalizado como uma vitrine de fornecedores do território — com histórias dos produtores, rastreabilidade dos produtos e um programa de selos ou certificações internas que fortaleça a narrativa de cadeia curta.
- **Brunch e happy hour temáticos como produto educativo.** O restaurante já oferece brunch, eventos e happy hour. Esses formatos podem ganhar edições temáticas — brunch com tema de biodiversidade local, happy hour com palestras curtas de pesquisadores ou agricultores, jantares de degustação com produtos sazonais da horta. São produtos de alto valor percebido que atraem o público de Campinas, Vinhedo e Valinhos sem exigir investimento em nova infraestrutura.
- **Espaço para formação e encontros regenerativos.** O restaurante pode sediar encontros de redes de agricultores orgânicos, grupos de CSA da região, círculos de estudo de permacultura e eventos de organizações parceiras — posicionando o Malabar como ponto de convergência do movimento regenerativo regional, não apenas como destino gastronômico.
- **Ciclistas e caminhantes como público a fidelizar.** A Fazenda Malabar está

na "Trilha Malabar", muito conhecida pelos ciclistas e caminhantes que povoam as estradas de terra aos finais de semana. Esse público já chega organicamente. Com um pequeno programa de parcerias com grupos de ciclismo e trilhas da região — descontos, paradas oficiais, kits de chegada — o restaurante pode se tornar o ponto de referência obrigatório da trilha, gerando receita recorrente e visibilidade nas redes desse público.

O design regenerativo encara o desafio de propor uma atividade geradora de recursos que seja simultaneamente socialmente justa, economicamente viável e ecologicamente equilibrada. A Fazenda Malabar pode ser uma resposta concreta a esse desafio.

A Fazenda Malabar pode assim se posicionar como polo regional de transição ecológica, um centro de turismo de experiências, laboratório vivo de economia circular, espaço de reconexão com a Natureza e centro de formação para uma nova consciência econômica. Ao fazê-lo, não apenas oferece um produto diferenciado num mercado em transformação, mas contribui para a construção de uma narrativa de interdependência que é, em última análise, a única narrativa capaz de sustentar a vida humana e não humana no longo prazo.

8.4 MÉTRICAS

Quanto à mensuração de resultados, a fazenda pode adotar indicadores que substituam a lógica estreita do lucro financeiro por métricas mais amplas de prosperidade: saúde do solo e da biodiversidade (especialmente a avifauna local), percentual de energia renovável utilizada, satisfação dos visitantes, número de estudantes e instituições atendidas, geração de renda local e redução de resíduos. Esses indicadores, além de orientarem a gestão interna, constroem uma narrativa poderosa para comunicação, captação de recursos e diferenciação de mercado.

9 RESUMO EXECUTIVO

9.1 CONTEXTO E PROPÓSITO

Este resumo executivo sintetiza as propostas e recomendações elaboradas nas quatro dimensões do curso GEDS (Gaia Education Design para a Sustentabilidade): Visão de Mundo, Dimensão Ecológica, Dimensão Social e Dimensão Econômica, orientando a implantação de um modelo de ecoturismo de experiência educativo e regenerativo.

Compreendendo o Território com pitadas de história

Localizada na zona rural de Itatiba, a Fazenda Malabar se estende por um território que atravessa limites geográficos e ecológicos, conectando-se também ao distrito de Joaquim Egídio e ao município de Morungaba, dentro da Região Metropolitana de Campinas. Inserida na bacia hidrográfica dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiaí, a fazenda se debruça sobre as margens do Rio Atibaia — um curso d'água vital que abastece grande parte da região e que, ao longo do tempo, moldou tanto a paisagem quanto a ocupação humana. Desde o século XVIII, suas águas serviram de caminho para as expedições bandeirantes, e ainda hoje seguem desenhando o território, especialmente nas épocas de cheia, quando alagam pastagens e revelam a dinâmica viva da paisagem.

A presença histórica também se manifesta nas infraestruturas que pontuam o entorno, como a Usina Hidrelétrica do Salto Grande, construída em 1906, que integrou os primeiros fundamentos de eletrificação e industrialização da região. Cercada por morros, vales e cursos d'água, a fazenda ocupa uma área extensa e diversa, situada entre aproximadamente 784 e 980 metros de altitude, próxima ao Pico das Cabras. Nesse mosaico de relevos e ecossistemas, resiste um importante fragmento de biodiversidade da Mata Atlântica, em transição com áreas de Cerrado — um patrimônio ecológico que contrasta com os processos de urbanização e uso intensivo da terra ao redor.

Caminhos, sabores e encontros

Inserida em importantes rotas do interior paulista, a Fazenda Malabar dialoga com

circuitos como o Circuito das Frutas, marcado pela fruticultura e pela riqueza cultural formada por influências indígenas, afro-brasileiras e de imigração europeia e asiática. A região também carrega as marcas históricas do ciclo do café, especialmente nas cidades da antiga Mogiana Paulista, conectando-se ainda ao Circuito das Águas.

Nesse território, a fazenda se abre ao movimento e à descoberta por meio da “Trilha Malabar”, um percurso de cicloturismo que conecta diferentes municípios e atravessa antigas rotas ferroviárias. Mais recentemente, a criação do Malabar Restaurante e Café ampliou essa vocação de acolhimento, integrando gastronomia, cultura e produção local. Instalado em uma antiga escola rural — espaço que por décadas foi ponto de encontro, aprendizado e convivência — o restaurante ressignifica a memória do lugar, oferecendo uma experiência baseada na cozinha de vegetais, em ingredientes orgânicos e na valorização de produtores locais.

Produção, memória e futuros possíveis

A Fazenda Malabar reúne diferentes camadas de produção e experimentação. Além das atividades tradicionais, como a pecuária e a silvicultura, destaca-se a Granja Malabar, voltada à produção de ovos orgânicos certificados. Em paralelo, iniciativas mais recentes têm buscado integrar práticas regenerativas e modelos alternativos de produção, como a experiência agroflorestal iniciada em 2016, que evoluiu para um sistema inspirado nas Comunidades que Sustentam a Agricultura, envolvendo dezenas de apoiadores e promovendo a produção e distribuição de alimentos saudáveis.

9.2 VISÃO, MISSÃO E PROPOSTA DE VALOR

Missão

Promover o turismo de experiência por meio da educação ambiental, tendo como principais ferramentas a observação de aves, hospedagens ecológicas, alimentação orgânica, práticas agroecológicas e permaculturais, por meio de experiências que fomentem conexão, aprendizado e cuidado com a terra.

Visão de longo prazo

Consolidar-se como referência regional em turismo regenerativo, educação ambiental e reconexão com a Natureza — um território vivo de aprendizagem onde escolas, visitantes e pesquisadores experienciam, na prática, a relação entre ser humano e Natureza, e participam como agentes de mudança.

Proposta de valor por público

Escolas e educadores: aprendizado experiencial alinhado à BNCC e ODS, com contato real com agroecologia, biodiversidade e alimentação consciente.

Biólogos e pesquisadores: campo de pesquisa com diversidade ecológica, infraestrutura integrada e sistemas produtivos sustentáveis.

Ecoturistas e observadores de aves: experiência profunda, exclusiva e propositiva em ambiente preservado, com trilhas guiadas e gastronomia orgânica.

Ciclistas e caminhantes da Trilha Malabar: ponto de referência na rota, com gastronomia, descanso e conexão com o território.

9.3 SÍNTESE DA ANÁLISE SWOT

Principais forças

- Território de 1.356 ha com rica biodiversidade da Mata Atlântica e do Cerrado, às margens do Rio Atibaia.
- Infraestrutura integrada: Vila Malabar, restaurante orgânico, granja, horta, compostagem e trilhas.
- Narrativa histórica poderosa: Bromfield, agricultura sustentável, Escola Malabar e memória comunitária viva.
- Localização estratégica: próxima a Campinas, Jundiaí, Vinhedo e Valinhos, com acesso a milhões de habitantes e polos acadêmicos como Unicamp e PUC-Campinas.
- Inserção no Circuito das Frutas e na Trilha Malabar, com fluxo orgânico de visitantes já estabelecido.

Principais desafios

- Baixa maturidade como produto turístico estruturado: ausência de pacotes testados, protocolos e precificação consolidada.
- Dependência de pessoas-chave e necessidade de capacitação da equipe em hospitalidade, guiamento e educação ambiental.
- Ausência de indicadores sistematizados de regeneração, biodiversidade e impacto das práticas já existentes.
- Sazonalidade e necessidade de diversificação de públicos para garantir recorrência de receita.

9.3.1 Dimensão Visão de Mundo

A análise pela lente da Spiral Dynamics revela que a Fazenda Malabar opera predominantemente no nível Verde — cuidado com a Natureza, práticas regenerativas, valorização das relações e experiências significativas. O nível Laranja sustenta a viabilidade econômica e a estruturação do modelo de negócio. O nível Azul está em consolidação e

precisa ser fortalecido para dar consistência aos processos, papéis e acordos internos. O horizonte de desenvolvimento aponta para o nível Amarelo, de integração sistêmica entre as dimensões ecológica, econômica e social.

Recomendações gerais

- Curto prazo: Realizar encontros de escuta coletiva com equipe e parceiros para construção de propósito e visão compartilhados (metodologia Dragon Dreaming).
- Curto prazo: Estruturar acordos claros de papéis, responsabilidades e processos internos, fortalecendo o nível Azul sem sufocar a criatividade do Verde.
- Médio prazo: Incorporar o Trabalho que Reconnecta (Joanna Macy) como prática de alinhamento periódico da equipe e de abertura para visitantes e parceiros.
- Médio prazo: Traduzir os valores do território em narrativa comunicável — para visitantes, investidores, escolas e parceiros institucionais.
- Longo prazo: Consolidar a fazenda como espaço de transformação de consciência que irradia impacto para além de seus limites físicos.

9.3.2 Dimensão Ecológica

A Fazenda Malabar apresenta alto potencial para se consolidar como um território de educação ecológica experiencial, apoiado em ativos como biodiversidade, práticas permaculturais e infraestrutura compatível com vivências imersivas. O principal desafio identificado é a transição de práticas já existentes para uma experiência estruturada, intencional e mensurável.

No eixo **Estrutura da Experiência**, o foco está na criação de roteiros pedagógicos organizados, com início, meio e fim bem definidos, incluindo recepção, estações de aprendizagem, atividades práticas e encerramento reflexivo. Isso envolve também a implantação de protocolos operacionais (check-in, fluxos, segurança), definição de papéis da equipe (facilitadores, recepção e apoio), estruturação da jornada do visitante (antes, durante e depois) e fortalecimento da comunicação e gestão (catálogo de experiências, materiais visuais, formulários e atendimento). Esse eixo garante consistência, qualidade e escalabilidade das vivências.

Já no eixo **Ações Práticas por Elemento do Território**, a proposta é ativar

pedagogicamente os principais sistemas da fazenda — biodiversidade, agroecossistemas, água, alimentação e expressão artística — por meio de roteiros como *Aves e Biodiversidade*, *Vivência Agroecológica*, *Água no Sistema*, *Do Mato ao Prato* e *Natulier*. Além disso, prevê-se a implementação de oficinas e cursos imersivos que, além de aprofundar o aprendizado, contribuem diretamente para a regeneração do território (implantação de sistemas, manejo ecológico e criação de novas estruturas). Esse eixo conecta experiência e prática, tornando o território um laboratório vivo.

O cronograma de aplicação é estruturado em três fases. No **curto prazo (0–5 meses)**, prioriza-se a estruturação básica: criação e teste de dois roteiros piloto, definição de protocolos operacionais, implantação de ferramentas simples de gestão e início da formação de facilitadores. No **médio prazo (5–12 meses)**, o foco é consolidar os roteiros testados, desenvolver novos, fortalecer materiais pedagógicos, estruturar parcerias e aprimorar a operação. Já no **longo prazo (12–24 meses)**, busca-se escalar o modelo com consistência, ampliando o catálogo de experiências, ofertando cursos imersivos, expandindo a equipe e consolidando o posicionamento institucional.

A mensuração do projeto é orientada por indicadores integrados que acompanham quatro dimensões principais: **experiência do visitante** (número de participantes, satisfação, aprendizado e recomendação), **eficiência operacional** (fluidez dos roteiros, cumprimento de protocolos, capacidade de atendimento), **gestão e comunicação** (volume de contatos, conversão, recorrência e parcerias) e **desenvolvimento da equipe** (número e formação de facilitadores, capacidade de atendimento simultâneo). Soma-se a isso o monitoramento do **impacto ecológico**, com métricas como número de mudas plantadas, taxa de sobrevivência, volume de compostagem, redução de resíduos e evolução da biodiversidade.

De forma integrada, essas proposições permitem que a Fazenda Malabar avance de um conjunto potente de práticas para um modelo estruturado de experiência regenerativa, capaz de educar, gerar valor econômico e ampliar seu impacto socioambiental de forma consistente, mensurável e escalável.

Métricas de regeneração

- Balanço de carbono: estimar emissões anuais (energia, transporte, produção) e capacidade de sequestro dos sistemas agroecológicos (2 a 10 tCO₂/ha/ano).

- Autonomia hídrica: monitorar volume captado da chuva, infiltração no solo e redução de dependência de fontes externas.
- Soberania alimentar: proporção de alimentos produzidos localmente em relação ao total consumido.
- Biodiversidade: inventário periódico da avifauna como indicador de saúde ecológica do território.
- Eficiência energética: EROEI (retorno de energia sobre energia investida) dos sistemas produtivos.

9.3.3 Dimensão Social

A dimensão social reconhece a fazenda como um território vivo onde Natureza, cultura, conhecimento e comunidade estão profundamente interligados. O projeto opera em um contexto de múltiplos atores — gestores, colaboradores, visitantes, pesquisadores, escolas e comunidade local — que exige práticas estruturadas de comunicação, governança e construção coletiva.

Recomendações

- Estruturar a hospedagem como experiência formativa, com práticas de acolhimento, círculos de abertura e fechamento e escuta ativa ao longo da visita.
- Criar uma comunidade temporária de aprendizagem em cada grupo de visitantes, com momentos de diálogo, reflexão e cocriação.
- Desenvolver o programa Guardiões do Território, envolvendo jovens da região em monitoramento de biodiversidade, projetos ambientais e aprendizagem baseada na experiência.
- Implementar estrutura de governança participativa com direção estratégica, coordenação operacional e círculos de colaboração com especialistas e parceiros.
- Criar programas de acesso para escolas públicas, com subsídios ou parcerias com secretarias de educação de Itatiba, Morungaba, Jarinu, Jundiaí e Campinas.
- Adotar a Rosa do Feedback ao final de cada visita como ferramenta de escuta estruturada e aprimoramento contínuo.
- Valorizar a memória da Escola Malabar como ativo pedagógico: rodas de memória

com ex-alunos, exposições fotográficas e projetos de história oral com escolas.

9.3.4 Dimensão Econômica

A Fazenda Malabar representa uma resposta concreta ao imperativo de redesenhar sistemas econômicos: um modelo que vai além da lógica de extração e acúmulo, operando com múltiplos capitais — natural, social, cultural, experiencial e financeiro. A estrutura já existente permite integrar diferentes fluxos de receita em torno de um eixo comum: a experiência educativa e ecológica.

Geração de renda e modelo de negócio

- Criar pacotes de imersão de 3 a 5 dias com vivências agroecológicas, observação de aves e gastronomia orgânica.
- Desenvolver programas de visitas educativas para escolas em formatos de 1 dia, fim de semana ou feriado, integrando hospedaria, restaurante e atividades pedagógicas.
- Oferecer oficinas pagas de compostagem, permacultura e alimentação consciente abertas ao público geral.
- Estruturar roteiro de observação da avifauna conduzido por biólogos ou zoólogos especializados.

Economia circular e eficiência operacional

- Formalizar a compostagem termofílica já existente como ciclo fechado: resíduos do restaurante → adubo das hortas.
- Instalar captação de água da chuva e sistemas de tratamento local da água cinza.
- Implementar energia solar para áreas comuns, reduzindo custos fixos e ampliando autonomia energética.
- Expandir o biodigestor para geração de biogás, integrando o esterco da granja aos ciclos internos.

Relocalização econômica e parcerias

- Priorizar fornecedores locais da região de Itatiba para insumos do restaurante e hospedaria.
- Organizar feiras mensais na fazenda com produtores locais, criando fluxo de visitantes e receita adicional.
- Reativar o modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura), que já chegou a 70 apoiadores e 1 tonelada/mês de hortaliças.
- Firmar parcerias com secretarias de educação de Itatiba, Morungaba, Jarinu, Jundiá e Campinas para visitas de escolas públicas.
- Solicitar credenciamento como ponto oficial da Rota das Frutas (Circuito das Frutas) e da Trilha Malabar para cicloturistas.

Malabar Restaurante e Café como hub regenerativo

- Usar o cardápio 100% vegetal e orgânico como material pedagógico em visitas educativas: os alunos comem o que viram ser produzido na horta.
- Estruturar a programação cultural mensal já existente como calendário regular de feiras, shows, exposições e encontros da economia criativa local.
- Formalizar o empório como vitrine territorial, com rastreabilidade dos produtos e histórias dos produtores locais.
- Criar *brunches* e jantares temáticos sazonais (biodiversidade, colheita, astros) como produto de alto valor para o público de Campinas, Vinhedo e Valinhos.
- Sedar encontros de redes de agricultores orgânicos, grupos de CSA, círculos de permacultura e organizações parceiras.
- Criar programa de parceria com grupos de ciclismo da Trilha Malabar, tornando a restaurante parada oficial da rota.

Financiamento e indicadores

- Crescer de forma orgânica e modular, evitando endividamento agressivo.
- Buscar certificações ambientais e selos de turismo sustentável que ampliem a credibilidade e diferenciação.

- Adotar indicadores além do lucro: saúde do solo, biodiversidade (avifauna), energia renovável, satisfação dos visitantes, estudantes atendidos e geração de renda local.
- Produzir relatório anual de impacto regenerativo como ferramenta de captação e comunicação.

Plano de Ação por Horizonte Temporal

- **Curto prazo — 0 a 12 meses: ativar e prototipar**

- Realizar encontro de escuta coletiva com equipe e parceiros (Dragon Dreaming — fase Sonhar).
- Estruturar e testar o piloto de visita educativa de 1 dia com escola parceira.
- Criar roteiro estruturado de observação de aves em parceria com biólogo especializado.
- Formalizar compostagem e biodigestor como estações pedagógicas.
- Iniciar credenciamento junto ao Circuito das Frutas como ponto oficial da Rota das Frutas.
- Definir indicadores de impacto e criar ficha de registro por visita.
- Estruturar programação cultural mensal do restaurante como calendário público regular.

- **Médio prazo — 1 a 3 anos: consolidar e aprofundar**

- Consolidar calendário anual de turismo educativo com ao menos 10 escolas parceiras.
- Firmar 3 parcerias com pesquisadores ou instituições acadêmicas (Unicamp, PUC-Campinas).
- Reativar modelo de CSA com apoiadores dos municípios vizinhos.
- Implementar energia solar e captação de água da chuva.
- Desenvolver programa Guardiões do Território com jovens da região.
- Lançar relatório anual de impacto regenerativo.
- Avaliar estrutura jurídica como empresa social ou cooperativa.

- **Longo prazo — 4 a 10 anos: irradiar e transformar**

- Consolidar a fazenda como referência regional em turismo regenerativo e educação ambiental.
- Criar metodologias replicáveis de experiência educativa no território.
- Reativar e expandir as agroflorestas desativadas como campo de pesquisa e produção.
- Contribuir para políticas públicas de educação ambiental e ecoturismo na RMC.
- Construir rede de fazendas e territórios parceiros no Circuito das Frutas e entorno.
- Explorar possibilidade de RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural) para áreas de maior valor ecológico.

9.4 CONCLUSÃO

A trajetória percorrida neste estudo de caso revela que a **Fazenda Malabar** transcende a condição de propriedade rural para se consolidar como um organismo vivo de resistência e transformação. Ao longo deste relatório, ficou evidente que a transição para um modelo baseado no turismo de experiência e na educação regenerativa não é apenas uma estratégia de mercado, mas uma resposta ética e prática aos desafios da crise ecológica contemporânea.

Sob a **Dimensão da Visão de Mundo**, o projeto propõe a superação da dicotomia "homem *versus* natureza". Ao ancorar-se em filosofias de interdependência e na espiritualidade engajada, a fazenda deixa de ser um cenário de exploração para se tornar um espaço de presença e consciência. A mudança de percepção aqui proposta é o alicerce para todas as outras transformações: ao reconhecermos que *somos Natureza*, o cuidado com o território passa a ser um ato de autocuidado.

Na **Dimensão Ecológica**, a Malabar utiliza sua biodiversidade — marcada pela transição entre Mata Atlântica e Cerrado — como uma "sala de aula sem paredes". Através da alfabetização ecológica, as práticas de agroecologia, observação de aves e manejo da água deixam de ser rotinas técnicas para se tornarem vivências sensoriais que ensinam sobre fluxos, ciclos e resiliência. O design biofílico e a permacultura garantem que o próprio

espaço molde comportamentos mais harmônicos e sustentáveis.

A **Dimensão Social** amarra essa proposta ao fortalecer o capital humano e relacional. O mapeamento das redes educacionais e a proposição de processos de governança participativa mostram que a regeneração só é possível através do coletivo. A fazenda se posiciona como um nó em uma rede regional, conectando colaboradores, escolas e pesquisadores em uma cultura de aprendizado contínuo e troca de saberes.

Finalmente, na **Dimensão Econômica**, o trabalho demonstra que a sustentabilidade financeira pode — e deve — derivar da saúde do ecossistema. O modelo econômico proposto busca a diversificação de receitas e a valorização do território, provando que um empreendimento regenerativo pode ser viável ao gerar valor integrado: financeiro, social e ambiental.

Em suma, a Fazenda Malabar reafirma o legado de seus precursores ao atualizar o sonho de uma agricultura regenerativa para o século XXI. Este plano de ação oferece um roteiro claro para que o território se torne uma referência em turismo de experiência, provando que é possível habitar a Terra de forma a nutrir a vida. Conclui-se, portanto, que a Malabar é um convite ao gesto simples e urgente de voltar a perceber nossa conexão profunda com a trama da vida, transformando a experiência turística em um caminho de volta para casa.

10 QUEM SOMOS E REFLEXÕES INDIVIDUAIS

Antônio Villela



Sou engenheiro de produção metalúrgica graduado pela PUC-Rio, com uma trajetória profissional marcada pela diversidade de setores e pelo crescente engajamento com causas socioambientais. Iniciei sua carreira em uma empresa de consultoria e tecnologia, onde atuei por uma década como consultor em grandes empresas dos setores de telecomunicações, petróleo e mineração. Em 2010, migrei para a mineração, onde trabalhei por quase 5 anos na área de Suprimentos. Em 2015, fiz uma virada de carreira significativa ao ingressar no terceiro setor. No Instituto Pro Natura, gerenciei um programa de desenvolvimento na ilha do Marajó, no Pará, coordenando iniciativas de inclusão digital, economia solidária e valorização cultural em uma das regiões mais vulneráveis do Brasil. Desde 2017, atuo na Rede Asta, organização social dedicada ao fortalecimento de artesãs brasileiras, responsável pela captação de recursos, desenvolvimento de propostas e avaliação de impacto.

Nessa trajetória entre grandes corporações dos setores de mineração e petróleo e o trabalho direto com comunidades vulneráveis amadureci uma visão crítica sobre as contradições do modelo econômico extrativista. Compreendi, na prática, que os custos ambientais e sociais desse modelo — o avanço das mudanças climáticas, a destruição de ecossistemas e o aprofundamento das desigualdades — recaem de forma desproporcional sobre aqueles que menos contribuíram para criá-los. É essa consciência que orienta meu compromisso com iniciativas que colocam pessoas e territórios no centro, em contraposição a uma lógica de desenvolvimento que historicamente os marginaliza.

Ao longo do processo de análise do case da Fazenda Malabar, percebo que um dos principais desafios foi não ter vivenciado o espaço presencialmente, o que limita a compreensão mais sensível das dinâmicas do território, das relações humanas e da experiência oferecida. Ainda assim, a revisitação dos conteúdos do GEDS se mostrou extremamente rica, permitindo aprofundar conceitos e enxergá-los de forma mais aplicada. Ao mesmo tempo, foi desafiador construir uma visão integrada a partir de análises estruturadas por dimensões separadas, exigindo um esforço constante de conexão entre

aspectos econômicos, sociais, ecológicos e culturais para compreender o projeto como um sistema vivo e interdependente.

Caroline A. do Santos



Sou amante e aprendiz da Natureza, caminho entre perguntas e encontros, investigando como as pessoas aprendem e como novos percursos educativos podem florescer. Sou Bióloga pela UFSCar (São Carlos), Pedagoga pela Facon e Permacultora pelo IPEMA (Instituto de Permacultura da Mata Atlântica). Desde 2011, atuo com educação para regeneração, criando contextos que (re)conectam pessoas à vida. Atualmente, coordeno o programa de educação ambiental do Instituto Origem, em Congonhas - MG, levando a Natureza para o currículo de escolas públicas — especialmente municipais — por meio da formação de educadoras(es), da promoção de espaços naturalizados, da ciência e do fortalecimento da educação antirracista.

Ingressei no curso de especialização de GEDS (Gaia Education Design para Sustentabilidade e Regeneração), com o objetivo de formalizar minha atuação certificando meu conhecimento na área, mas também — e talvez principalmente — para construir uma rede para esperar um futuro possível. Diante de tantas informações desastrosas sobre o nosso incerto futuro neste lindo planeta, me vi com um olhar muito pessimista e entristecido, por vivenciar tantas tragédias e negligências com nossa casa-corpo-Terra. Posso afirmar ao final desta trajetória que o objetivo foi alcançado com sucesso! Foi muitíssimo importante rever conteúdos que já trabalhava por outras lentes, aprender (muitos) outros novos, encontrar

acolhimento e parceria nas relações e aprender com os professores e professoras que guiaram lindamente este processo.

Em relação ao estudo de caso, posso dizer que a construção desta jornada coletiva, me apresentou alguns desafios em todos os pontos do triângulo (relacionamentos, processos e resultados). Alguns mais complexos e que me levaram a meditar sobre padrões internos e outros mais simples. Compartilho aqui alguns dos aprendizados: acolher a diversidade do trabalho coletivo, integrando as múltiplas ideias, entendimentos, percepções, agendas e comprometimento individual; encontrar caminhos possíveis para desenvolver os processos, cuidar da comunicação; construir um trabalho sistêmico detalhado mesmo sem conhecer o espaço físico, as pessoas, as relações, os sonhos e os desejos. Além dos desafios inerentes a qualquer processo de construção coletiva, quero exaltar e celebrar a possibilidade de conhecer cada um e cada uma de forma mais profunda e intensa, levo comigo mais do que colegas de projeto, amigos que o GAIA me presenteou.

Jessica Multini



Minha jornada nasce da curiosidade e do desejo profundo de compreender a vida em suas múltiplas camadas, do corpo à consciência, do individual ao coletivo. Sou formada em Psicologia pela FMU (São Paulo) e certificada em Mindfulness pelo Mindful Awareness Research Center da UCLA (University of California, Los Angeles), integrando, no meu caminho, desenvolvimento humano, mindfulness e design regenerativo.

Iniciei minha carreira no ambiente corporativo em São Paulo, com uma experiência que trouxe estrutura e visão de sistemas, mas também despertou um profundo questionamento sobre propósito e bem-estar. Aos 26 anos, atravessei uma transição significativa que me levou ao caminho do autoconhecimento, com base no Yoga, meditação e práticas somáticas. Essa jornada me levou à Índia, posteriormente aos Estados Unidos, onde aprofundei meus conhecimentos com uma base mais científica, e, por fim, a Bali, onde estabeleci minha base de vida e trabalho. Hoje, sou

fundadora da MEISOU e cofundadora da KARMAFREE Surf Shop & Cafe, marcas que integram mindfulness, sustentabilidade e práticas regenerativas no cotidiano.

Entrei no GEDS, Gaia Education com a intenção de expandir minha visão e compreender, de forma mais profunda, como alinhar minha atuação profissional aos valores regenerativos e sustentáveis. Ao longo do processo de desenvolvimento da análise do case Fazenda Malabar, inicialmente me senti desafiada pelo fuso horário, por estar vivendo em Bali. A construção de uma sinergia em grupo levou um tempo para acontecer, mas, aos poucos, fomos nos encontrando e fortalecendo essa conexão. Também foi desafiador desenvolver uma maior intimidade com o case, tanto pela distância física quanto pela ausência de uma conexão mais direta com os fundadores do projeto, o que poderia ter aprofundado ainda mais a compreensão da essência e do coração da iniciativa.

Apesar desses desafios, todo o processo foi um imenso prazer e uma oportunidade de explorar formas criativas de ir além das limitações, nos reinventando e continuando a criar a partir daquilo que pulsa em nossos corações como equipe. A experiência no Design Studio foi fundamental para consolidar, na prática, os aprendizados das quatro dimensões, integrando teoria e aplicação de forma concreta. Encerrando esse ciclo, levo comigo não apenas novos conhecimentos, mas uma transformação real na forma como percebo e atuo no mundo, com um senso ampliado de responsabilidade e compromisso com a regeneração e a sustentabilidade.

Julia Tupinambá



Digo que sou movida pela “complexidade do simples”, pois é assim que percebo a natureza. Sou graduada em Paisagismo pela Escola de Belas Artes da UFRJ, única graduação em paisagismo no país, formação que, ao mesmo tempo em que me ofereceu uma base importante, também evidenciou em mim o desejo de ir além de uma abordagem predominantemente estética, buscando caminhos mais ecológicos, filosóficos e contextuais de reconexão entre pessoas e natureza.

Esse percurso me aproximou ainda mais da investigação e do reconhecimento da minha ancestralidade, refletindo sobre o fato de que o país mais biodiverso do mundo ainda reproduz, em grande medida, um paisagismo de referência exótica e colonial. Logo após a graduação, me certifiquei em floresta-escola, aprofundando a compreensão sobre

caminhos que sensibilizam os humanos para a natureza. Também sou atriz, com trabalhos no teatro e no audiovisual voltados a pautas socioambientais e identitárias. A experiência artística amplia minha escuta, expressão e sensibilidade para os processos humanos e coletivos, atravessando também minha atuação como educadora ambiental. Sou mãe, o que aprofunda minha relação com o cuidado, o tempo e a responsabilidade com os futuros possíveis.

A participação no Design Studio do GEDS foi, ao mesmo tempo, desafiadora e formativa. O trabalho coletivo evidenciou a complexidade de construir em conjunto, especialmente diante de diferentes visões, fusos e formas de comunicação. Além disso, o processo trouxe o desafio de operar sobre um território que não vivenciamos diretamente, exigindo sensibilidade para lidar com múltiplos potenciais. Esse processo me levou a revisitar um aprendizado importante do curso: acolher os conflitos como parte necessária da construção coletiva. Ao invés de evitá-los, compreendi que é através deles que se torna possível alcançar maior clareza e consistência. Também me colocou diante de um ponto de desenvolvimento pessoal: a necessidade de tornar mais clara a minha comunicação, sobretudo por transitar com mais facilidade por dimensões subjetivas. O exercício de traduzir percepções em linguagem compartilhável se mostrou essencial para mim no sentido de fortalecer um trabalho em grupo. E o que é a vida, senão uma grande construção coletiva?

Por fim, celebro que os resultados coletivos, por mais distantes de um ideal particular, carregam uma potência que só emerge da diversidade, da escuta e da construção compartilhada.

Lucas da Silva Tamura



A ideia de pertencer a um ecossistema permanece distante em nossa sociedade e escolher investigar novos caminhos que possibilitem tal transformação é um compromisso que procuro cumprir profissionalmente. Sou bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alfenas, tendo como principal área de estudo a Antropologia Sociocultural. Na extensão universitária, atuei em projetos comunitários para o fomento da agroecologia, da soberania e segurança alimentar no município e região. No meio acadêmico, analisei ainda na graduação a percepção de

agricultores familiares da reforma agrária sobre os processos de transição agroecológica do cultivo do café no Sul de Minas Gerais. Como servidor público trabalhei na Vigilância Epidemiológica municipal atuando no combate e controle de endemias.

A permacultura foi um ponto de virada sobre a problemática do fazer científico e também de realização profissional em minha trajetória pois se apresenta como um campo do conhecimento interdisciplinar de instrumentalização da prática para a regeneração dos assentamentos humanos e de amplas e profundas reflexões sobre as dimensões da experiência humana. Cursar a especialização em Educação para a Sustentabilidade pela no Gaia Education e a Universidade Federal de Alfenas em 2025 e 2026 marca uma etapa inovadora de aprofundamento técnico, conceitual e prático para uma atuação engajada no programa de Ação Global de Educação para o Desenvolvimento Sustentável (EDS) da Unesco e orientada para a implantação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU.

Como patrocinador do case no Design Studio tive a oportunidade de partilhar um pouco das transformações mais recentes dos empreendimentos e que foram vivenciadas no contexto da Fazenda Malabar, em um momento em que a análise propositiva orientada para a sustentabilidade e a regeneração fornecem uma base sólida para a estruturação de uma nova iniciativa no segmento do Ecoturismo, potencializando ainda a criação e a reconexão de comunidades inteiras. O Design Studio foi um acontecimento imersivo, principalmente sobre dois aspectos, o de aprofundamento ao dinamismo da metodologia 4-D e o de sintetização do case. Pessoalmente experienciar a cocriação de uma análise para um projeto tão próximo, foi muito especial, desafiando e desenvolvendo competências e habilidades colaborativas a cada etapa do desenvolvimento, transmitindo a aprendizagem de forma autêntica e singular por cada membro da equipe, permitindo nos conectar uns com os outros, o fazer se torna algo genuíno, sem o qual o resultado não poderia ser melhor.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ALEXANDER, Christopher. **A pattern language**. New York: Oxford University Press, 1977.

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão Popular; AS-PTA, 2012

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Resolução nº 50/2015**. Disponível em: <<https://www.gov.br/ana/pt-br/legislacao/resolucoes/resolucoes-regulatorias/2015/50>>. Acesso em: 21 mar. 2026.

BAUMGARTNER, Frank R.; JONES, Bryan D. **Agendas and instability in American politics**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

BAUWENS, Michel. **P2P and Human Evolution**: Peer to peer as the premise of a new mode of civilization. 2005. Disponível em : < <https://pt.scribd.com/document/74134270/P2P-and-Human-Evolution-Michel-Bauwen> s>. Acessado em: 21 mar. 2026.

—

BECK, Don Edward; COWAN, Christopher C. **Spiral dynamics**. Oxford: Blackwell, 1996.

BROMFIELD, Louis. **Fazenda Malabar**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

BROMFIELD, Louis. **Malabar Farm**. New York: Harper & Brothers, 1948.

CAMPINAS (Município). **Plano de manejo da APA de Campinas – Tomo IV: zoneamento**. Campinas: Secretaria Municipal de Clima, Meio Ambiente e Sustentabilidade, 2019. Disponível em:

<<https://portal-adm.campinas.sp.gov.br/sites/default/files/secretarias/arquivos-avulsos/142/2025/01/31-144618/TOMO%20IV%20-%20Zoneamento%20revisado%20com%20capa.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2026.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CAPRA, Fritjof. **Alfabetização ecológica**. São Paulo: Cultrix, 2006.

- CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. **A visão sistêmica da vida**. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CORNELL, Joseph. **Sharing nature with children**. Nevada City: Dawn Publications, 1998.
- DEKOVEN, Bernie. **The well-played game**. Cambridge: MIT Press, 2013.
- ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **Towards the circular economy**. 2013. Disponível em: < <https://content.ellenmacarthurfoundation.org/m/50c85a620a58955/original/Towards-the-circular-economy-Vol-1.pdf>>. Acessado em 21 mar. 2026.
- FULLERTON, John. **Regenerative capitalism**. Capital Institute. 2015. Disponível em: < https://worldacademy.org/files/global_leadership/papers/regenerative_capitalism_JFullerton.pdf>. Acessado em 21 mar. 2026.
- GAIA EDUCATION. **Design Studio**: guia do estudante. 2026.
- GEDDES, Patrick. **Cities in evolution**. London: Williams & Norgate, 1931.
- GELD, Ellen Bromfield. **Estranhos no vale**. São Paulo: Melhoramentos, 1957.
- GOODWIN, Brian. **How the leopard changed its spots**. Princeton: Princeton University Press, 1999.
- GRANJA MALABAR. **História e informações institucionais**. Disponível em: <<https://www.granjamalabar.com.br>>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- GRAVES, Clare W. **Levels of human existence**. Santa Barbara: ECLET, 2005.
- HOLMGREN DESIGN SERVICES. **Diagrama dos princípios da permacultura**. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/412220172126456088/>>. Acesso em: 29 mar. 2026.
- HOLMGREN, David. **Permaculture**. Hepburn: Holmgren Design Services, 2002.
- JAMESON, Fredric. **O pós-modernismo e a sociedade de consumo**. In: KAPLAN, E. Ann (org.). **O mal-estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOLB, David A. **Experiential learning**. New Jersey: Prentice Hall, 1984.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LOVELOCK, James. **A vingança de Gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MACY, Joanna; BROWN, Molly Young. **Coming back to life**. Gabriola Island: New Society, 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence. **História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea**. São Paulo: UNESP; Brasília: NEAD, 2010.

MEADOWS, Donella H. **Thinking in systems**. White River Junction: Chelsea Green, 2008.

MOLLISON, Bill; HOLMGREN, David. **Permaculture one**. Melbourne: Transworld, 1978.

MORAES, D. F.; LEITE, C.; FERREIRA, M. L. **Biofilia e sustentabilidade no planejamento urbano: interfaces conceituais e parâmetros de análise**: Diálogos Interdisciplinares, v. 1, 2019.

NAESS, Arne. **The shallow and the deep ecology movement**. Inquiry, v. 16, n. 1-4, p. 95–100, 1973. Disponível em: <https://openairphilosophy.org/wp-content/uploads/2018/11/OAP_Naess_Shallow_and_the_Deep.pdf>. Acessado em 21 mar. 2026.

NEW ECONOMICS FOUNDATION. **Well-being manifesto**. London: NEF, 2004.

NHAT HANH, Thich. **Interser**. Petrópolis: Vozes, 1987.

OSTROM, Elinor. **Governing the commons**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

PANOSSO NETTO, Alexandre; GAETA, Cecília (org.). **Turismo de experiência**. São Paulo: Senac, 2010.

PEZZI, Eduardo; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves. **A experiência turística e o turismo de experiência: um estudo sobre as dimensões da experiência memorável**. Revista Turismo em Análise, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 165–187, 2015.

RAWORTH, Kate. **Economia donut**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RICHARDS, Greg. **Creativity and tourism: the state of the art**. Annals of Tourism Research, v. 38, n. 4, p. 1225–1253, 2011.

SCHARMER, Otto. **Teoria U: como liderar pela percepção e realização do futuro emergente**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

SCHMITT, Bernd. **Marketing experimental (Experiential Marketing)**. São Paulo: Nobel, 2000.

SMUTS, Jan Christiaan. **Holism and evolution**. London: Macmillan, 1926.

STEINER, Rudolf. **Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a Terra**. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2017.

TAINTER, Joseph A. **The collapse of complex societies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

TOMPKINS, Peter; BIRD, Christopher. **A vida secreta das plantas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1977.

UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 2001.

WAHL, Daniel Christian. **Designing regenerative cultures**. Axminster: Triarchy Press, 2016.

WILBER, Ken. **A teoria de tudo**. São Paulo: Cultrix, 2000.

WILSON, Edward O. **Biophilia**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

ŽIŽEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

12 ANEXOS

12.1 ANEXO A

Estratégias e Indicadores para Ampliação do Potencial Regenerativo da Fazenda Malabar

Este anexo apresenta um conjunto de possíveis implementações futuras, organizadas como diretrizes estratégicas para fortalecer o caráter regenerativo da Fazenda Malabar. As propostas partem dos princípios da permacultura e da integração entre sistemas ecológicos, produtivos e educativos, buscando ampliar a autonomia do território, reduzir impactos e tornar os processos ainda mais visíveis como ferramentas pedagógicas.

12.1.1 Estratégias de Implementação

12.1.1.1 Zoneamento Permacultural da Fazenda

Estruturar o território a partir do zoneamento (Zonas 0 a 5), organizando usos, fluxos e intensidades de manejo:

Zona 0: hospedagens com tecnologias sustentáveis integradas

Zona 1: horta, viveiros e espaços de alta frequência de manejo

Zonas 2–3: agroflorestas, sistemas produtivos e granja

Zonas 4–5: áreas de conservação, regeneração natural e observação

→ Objetivo: otimizar energia, reduzir deslocamentos e transformar o espaço em roteiro pedagógico vivo.

12.1.1.2 Ampliação de Energias Renováveis (ênfase em solar)

Instalação progressiva de sistemas fotovoltaicos nas hospedagens e estruturas comuns.

Integração com sistemas já existentes (ex: aquecimento de água).

Possível implementação de monitoramento visível para fins educativos.

→ Objetivo: aumentar a autonomia energética e reduzir emissões.

12.1.1.3 Captação e Reuso de Água da Chuva

Implantação de sistemas de captação em telhados

Destinação para:

limpeza de espaços

irrigação de hortas e jardins

jardins filtrantes

sistemas de aquaponia

→ Objetivo: fortalecer a autonomia hídrica e reduzir pressão sobre usos externos.

12.1.1.4 Bioconstrução de Novos Espaços

Desenvolvimento de estruturas com técnicas de baixo impacto:

sala de aula aberta (sem paredes)

espaço de recepção

área para práticas integrativas (yoga, meditação, rodas)

Uso de materiais locais e naturais (terra, bambu, madeira, reaproveitamento)

→ Objetivo: alinhar infraestrutura aos princípios ecológicos e ampliar espaços de aprendizagem.

12.1.1.5 Composteiras Individuais nas Hospedagens

Implementação de sistemas simples e pedagógicos em cada unidade Integração com a compostagem central

Uso como ferramenta de sensibilização dos visitantes

→ Objetivo: fortalecer a compreensão de ciclos e reduzir resíduos orgânicos.

12.1.2 Indicadores e Métricas de Regeneração

A avaliação do potencial regenerativo deve integrar dimensões ecológicas, energéticas e sociais, permitindo acompanhar a evolução do sistema ao longo do tempo.

12.1.2.1 Pegada Ecológica

Indicador síntese que integra:

consumo de energia

uso de insumos externos

geração de resíduos

→ Permite avaliar a transição para sistemas mais eficientes e integrados.

12.1.2.2 Balanço entre Emissões e Regeneração (Carbono)

Estimativa das emissões anuais (energia, transporte, produção) em tCO₂e/ano

Cálculo do sequestro de carbono por sistemas vegetados (agroflorestas, APPs, etc.)

Referência média: 2 a 10 tCO₂/ha/ano, conforme manejo

→ Objetivo: caminhar para neutralidade ou saldo positivo de carbono.

12.1.2.3 Água e Autonomia Hídrica

Volume de água da chuva captado

Taxa de infiltração no solo

Redução do uso de fontes externas

→ Indica resiliência hídrica do sistema.

12.1.2.4 Soberania Alimentar e Sazonalidade

Proporção de alimentos produzidos localmente

Diversidade de cultivos

Aderência aos ciclos sazonais

→ Reflete autonomia alimentar e conexão com os ritmos naturais.

12.1.2.5 Autonomia do Sistema

Redução do uso de insumos externos (fertilizantes, insumos agrícolas, energia)

→ Mede o grau de independência e fechamento de ciclos.

12.1.2.6 Eficiência Energética (EROEI)

Relação entre energia produzida e energia investida (Energy Return on Energy Invested)

→ Avalia a eficiência dos sistemas energéticos implementados.

12.1.2.7 Biodiversidade

Diversidade de espécies cultivadas

Presença e frequência de fauna (especialmente aves)

→ Indicador direto da saúde ecológica do território.

12.1.2.8 Serviços Ecossistêmicos

Avaliação qualitativa e quantitativa de:

aumento de polinizadores melhoria da frutificação

regulação térmica (sombreamento e microclima) infiltração e retenção de água no solo

retorno de fauna indicadora

→ Expressa a funcionalidade ecológica do sistema.

12.1.3 Considerações Finais

A adoção gradual dessas estratégias permite à Fazenda Malabar avançar de um território com práticas sustentáveis para um sistema regenerativo integrado, no qual infraestrutura, produção, educação e experiência do visitante operam de forma sinérgica. Mais do que implementar tecnologias, trata-se de fortalecer uma lógica de ciclos fechados, autonomia e interdependência, tornando o próprio território um agente ativo de regeneração ecológica, aprendizado e transformação.

12.2 ANEXO B

Análise de viabilidade energética de sistema fotovoltaico

A imagem a seguir apresenta uma análise preliminar de viabilidade para a instalação de um sistema de energia solar fotovoltaica na Fazenda Malabar.

De forma simplificada, esse tipo de sistema utiliza placas solares para captar a luz do sol e transformá-la em energia elétrica, que pode ser utilizada nas atividades do local.

O estudo foi desenvolvido com base na média mensal de consumo de energia da fazenda, medida em kWh (quilowatt-hora), o que permite dimensionar o sistema de forma mais precisa, de acordo com a demanda real do território.

A partir desses dados, estima-se que, com a instalação de aproximadamente 98 painéis solares em uma área de cerca de 600 m², seria possível gerar energia em volume compatível com a média mensal de consumo da fazenda, contribuindo para a redução dos custos com eletricidade.


A adoção de um sistema fotovoltaico no território amplia a autonomia energética da fazenda, reduz sua dependência de rede externa e fortalece a resiliência do sistema local.

Além disso, o levantamento aponta que, apesar de exigir um investimento inicial, o sistema tende a se pagar em cerca de dois anos, devido à economia gerada na conta de energia. Após esse período, a eletricidade produzida passa a representar uma redução direta dos custos operacionais.

Do ponto de vista ambiental, a energia solar apresenta baixo impacto durante sua operação e contribui para a diversificação das fontes renováveis utilizadas, reforçando o compromisso com práticas sustentáveis.

Para além dos aspectos técnicos e econômicos, a presença de um sistema de geração de energia visível no território também possui um importante potencial educativo, permitindo que visitantes compreendam, de forma prática, como a energia é produzida e como diferentes soluções podem ser integradas em contextos reais.

Assim, a implementação de um sistema fotovoltaico se apresenta não apenas como uma solução econômica, mas também como uma estratégia coerente com a proposta ecológica, educativa e regenerativa da Fazenda Malabar.

		Análise de Viabilidade Sistema Fotovoltaico Fazenda Malabar		Unidade
1	Local estimado	Solo		
2	Área necessária	600,0		[m ²]
3	Tipo fixação dos módulos	Com ajuste de inclinação fixo		
4	Potência dos módulos	610		[W]
5	Tipo de inversor	String		
7	Potência instalada CC	59,78		kWp
8	Potência instalada CA	50 kwp		kW
9	Quantidade de módulos	98		
10	Quantidade de inversores ou microinversores	2 ou 3		
11	Layout de instalação dos módulos	s/ figura		
17	Estimativa de produção de energia	7646,4		[kWh/mês]
25	Estimativa de economia bruta	R\$	110.108,40	Anual
26	Estimativa de custos operacionais (Distribuidora + O&M)	R\$	22.021,68	Anual
26	Estimativa de economia líquida	R\$	88.086,72	Anual
27	Estimativa de Investimento inicial	R\$	167.384,00	Anual
28	TIR do projeto	56%		
29	VPL do projeto	R\$	539.762,18	
30	Payback	~ 2 anos		

31 | Layout Preliminar | Figura ilustrativa - Usina de solo



 21 98812-1724
 
 TUPIENERGIA

Siga-nos nas nossas redes sociais!